

Caderno especial
"As confissões de Bukharin"

Publicado na edição n.º2618 do *Hora do Povo*, de 9 Novembro de 2007

Em homenagem aos 90 anos da Revolução Russa, transcorridos no dia 7, publicamos a primeira parte do depoimento de Nikolai Bukharin, ao ser julgado, em 1938, no terceiro dos chamados "Processos de Moscou". O depoimento é reproduzido fielmente de acordo com os autos do processo, talvez o documento mais citado, mais difamado, mais deformado e menos lido da História.

Ao lê-lo, constatamos o que valem as afirmações de que os processos, em especial este, teriam sido uma encenação, um "show", ou outras coisas que têm sido ditas por gente cuja seriedade e boa intenção é sobejamente demonstrada por essa falsificação ilimitada dos fatos.

Ainda hoje, a Revolução Russa é o marco a partir do qual se trava a luta política mundial. Isso não mudou porque houve uma restauração capitalista na URSS, assim como a restauração na França do século XIX foi incapaz de tirar da Revolução Francesa o seu caráter de referência central da luta política no mundo de então. Essas revoluções abriram novas épocas na História dos homens - e nada há que possa fazê-los esquecer disso.

Como era inevitável, contra a Revolução Russa se acumpliciaram todas as forças do antigo regime, dentro e fora da URSS, todo o rebotalho de um sistema em decomposição. Em meados da década de 30, no entanto, a revolução havia já vencido a invasão estrangeira e a sanguinária reação feudal; havia socializado a indústria; e havia coletivizado o campo, vencendo as conspirações e crimes dos kulaks, última classe exploradora.

Mas isso não tornou mais cordatos os seus inimigos. Pelo contrário, a cada vez menor audiência que encontravam na sociedade deixou-os mais histéricos e tresloucados - inclusive aqueles que, dentro do Partido Comunista e do Estado Soviético, resistiam já há longo tempo à construção do socialismo. Foi essa quinta-coluna que tornou-se, então, o foco das atenções do imperialismo que cercava a URSS, sobretudo o alemão. Aproximava-se, então, a II Guerra Mundial.

Nos primeiros dias da invasão nazista na URSS, o príncipe Mountbatten, primo do rei da Inglaterra, disse a Churchill que, ao contrário das previsões que predominavam no governo inglês, os soviéticos venceriam a guerra, porque antes haviam limpado o país da quinta-coluna. É essa a importância dos processos de Moscou.

A tradução, a partir do francês, é devida a Valério Bemfica.

C. L.

SESSÃO NOTURNA DE 5 DE MARÇO DE 1938
Colégio Militar da Corte Suprema da URSS

Presidente – Passamos ao interrogatório do acusado Bukharin.

Bukharin – Tenho duas solicitações a apresentar à Corte: primeiramente peço que me seja permitido fazer de meu modo a minha exposição; e segundo peço que me autorizem a me deter mais, na medida das possibilidades de tempo, na análise dos objetivos ideológicos e políticos do criminoso bloco de direitistas e trotskistas, e isso por dois motivos: primeiro porque se falou pouco nisso, segundo porque a questão se reveste de um certo interesse público e terceiro porque o cidadão Procurador levantou a questão na sessão precedente, se não me engano.

Vychinski – Se o acusado Bukharin tem a intenção de restringir de alguma maneira o direito do Procurador de fazer perguntas durante suas declarações, acho que o camarada Presidente deve explicar a Bukharin que este direito é baseado na lei. Por isso solicito que a requisição seja rejeitada, já que isso é previsto pelo Código de Processos Penais.

Bukharin – Eu entendo minha solicitação de outra forma.

Presidente – Uma primeira questão ao acusado Bukharin. O senhor confirma as declarações que fez à instrução prévia no que concerne à atividade anti-soviética?

Bukharin – Confirmo inteiramente e sem reservas.

Presidente – O que o senhor deseja dizer sobre a atividade anti-soviética? O Procurador tem o direito de fazer perguntas.

Vychinski – Permita-me começar o interrogatório do acusado Bukharin. Formule brevemente do que, exatamente, o senhor se reconhece culpado.

Bukharin – Primeiramente de ter feito parte do bloco contra-revolucionário de direitistas e trotskistas.

Vychinski – A partir de que ano?

Bukharin – A partir do momento da formação do bloco. E me reconheço culpado de ter pertencido, desde antes disso, à organização contra-revolucionária dos direitistas.

Vychinski – Desde quando?

Bukharin – Desde 1928, aproximadamente. Eu me reconheço culpado de ter sido um dos principais líderes do bloco de direitistas e trotskistas. Por conseguinte, me reconheço culpado do que decorre diretamente disso, culpado de todo o conjunto de crimes perpetrados por esta organização contra-revolucionária, independente do fato de conhecer ou ignorar tal ou tal ato, do fato de ter tomado ou não parte direta em tal ou tal ato, uma vez que respondo como um dos líderes da organização e não como simples militante.

Vychinski – Quais eram os objetivos desta organização contra-revolucionária?

Bukharin – Esta organização contra-revolucionária, se formos formular brevemente...

Vychinski – Sim, brevemente, neste momento.

Bukharin – Ele se propunha como objetivo essencial, propriamente dito, sem talvez, por assim dizer, dar conta de todos os aspectos, e sem colocar todos os pingos nos “is”, a restauração das relações capitalistas na União Soviética.

Vychinski – A derrubada do poder soviético?

Bukharin – A derrubada do poder soviético era o meio de atingir o objetivo.

Vychinski – Por quais meios?

Bukharin – Como se sabe...

Vychinski – Por meios violentos?

Bukharin – Sim, a tomada do poder por meios violentos.

Vychinski – Com a ajuda de...

Bukharin – Utilizando todas as dificuldades que se encontravam no caminho do poder soviético, particularmente utilizando a guerra, para a qual os prognósticos apontavam.

Vychinski – Para a qual os prognósticos apontavam, com a ajuda de quem?

Bukharin – Com a ajuda de Estados estrangeiros.

Vychinski – Sob quais condições?

Bukharin – Sob condições que, se é preciso falar concretamente, previam numerosas concessões.

Vychinski – Que compreendiam...

Bukharin – Compreendiam concessões territoriais.

Vychinski – Quer dizer?

Bukharin – Se é preciso colocar todos os pontos nos “is”, a condição era o desmembramento da URSS.

Vychinski – O desmembramento da URSS de regiões e de repúblicas inteiras?

Bukharin – Sim.

Vychinski – Um exemplo?

Bukharin – Da Ucrânia, da Província Marítima, da Bielo-Rússia.

Vychinski – Em benefício de quem?

Bukharin – Em benefício de Estados interessados que, geograficamente e politicamente...

Vychinski – Quais Estados exatamente?

Bukharin – Em benefício da Alemanha, do Japão e, parcialmente, da Inglaterra.

Vychinski – E qual era o objeto do acordo firmado com os setores correspondentes? Eu conheço um acordo firmado pelo bloco.

Bukharin – Sim, o bloco firmou um acordo.

Vychinski – E agiam também tentando debilitar a capacidade defensiva da URSS?

Bukharin – Veja bem, esta questão não havia sido discutida, ao menos na minha presença.

Vychinski – E qual era a situação sob o ponto de vista da sabotagem?

Bukharin – Sobre a sabotagem, a situação era tal que finalmente, sobretudo devido à pressão da parte trotskista do bloco, do órgão chamado centro de contato, que surgiu em torno de 1933, apesar de numerosos desacordos interiores e de mecanismos de manipulação política sem interesse para o inquérito, depois de diversas peripécias, discussões, etc., adotamos a orientação de trabalhar com a sabotagem.

Vychinski – Isso debilitava a capacidade defensiva do nosso país?

Bukharin – É claro.

Vychinski – Em conseqüência, orientavam-se no sentido de enfraquecer, arruinar a capacidade defensiva?

Bukharin – Não foi uma decisão formal, mas, no fundo, era assim.

Vychinski – Mas os atos e toda a atividade realizada neste sentido eram claros?

Bukharin – Sim.

Vychinski – O senhor refere-se também a ações diversionistas?

Bukharin – No que se refere a atos diversionistas, dada a divisão do trabalho e minhas funções estabelecidas que o senhor conhece, eu me ocupava principalmente dos problemas de direção geral e do lado ideológico, o que, é claro, não me impedia de estar informado do lado prático da ação, nem de tomar várias medidas práticas.

Vychinski – Compreendo que havia entre vocês uma divisão do trabalho.

Bukharin – Mas eu disse, cidadão Procurador, que tenho a responsabilidade sobre o bloco.

Vychinski – Mas o bloco do qual o senhor estava à frente se propunha a organizar atos diversionistas?

Bukharin – Pelo que posso julgar por diversos fatos isolados que subsistem em minha memória, isto acontecia segundo a situação concreta e condições concretas.

Vychinski – Como o senhor pode ver neste processo, a situação estava suficientemente concreta. O senhor disse a Khodjaev que eles faziam pouca sabotagem, que eles não sabotavam direito?

Bukharin – Não foi tema, em nossa conversa, o incentivo à sabotagem.

Vychinski – Permitam-me fazer uma pergunta ao acusado Khodjaev.

Presidente – Por favor.

Vychinski – Acusado Khodjaev, o senhor teve com Bukharin uma conversa sobre a necessidade de incrementar a sabotagem?

Khodjaev – Em agosto de 1936, durante um encontro com Bukharin em minha casa de campo, ele me falou que o trabalho de sabotagem era insuficiente em nossa organização nacionalista.

Vychinski – E o que deveria ser feito?

Khodjaev – Intensificar, e não apenas intensificar a sabotagem, mas passar à organização do movimento insurrecional, do terrorismo, etc.

Vychinski – Acusado Bukharin, Khodjaev diz a verdade?

Bukharin – Não.

Vychinski – O objetivo de organizar o movimento insurrecional não existia?

Bukharin – A orientação insurrecional existia.

Vychinski – Tal orientação existia? O senhor enviou Slepkov ao Cáucaso do Norte para organizá-la. Enviou também Iakovenko a Biisk com o mesmo objetivo?

Bukharin – Sim.

Vychinski – Mas não é isso que Khodjaev diz sobre a Ásia Central?

Bukharin – Pensei que quando o senhor me questionasse sobre a Ásia Central eu deveria limitar a ela a minha resposta.

Vychinski – Quer dizer que o senhor nega o fato em relação à Ásia Central? Mas não a orientação do bloco? Eu pergunto sobre a orientação do bloco.

Bukharin – Mas eu já disse que esta questão era decidida segundo as circunstâncias, segundo as condições geográficas, políticas e outras.

Vychinski – O senhor nega as declarações de Khodjaev? Eu convidei Khodjaev a testemunhar contra o senhor para ilustrar o fato de que seu bloco de direitistas e trotskistas dava instruções, como o senhor diz, caso a caso, segundo as circunstâncias, com vistas à organização do movimento de insurreição, de diversionismo, de sabotagem. O senhor está de acordo?

Bukharin – Estou de acordo. Apenas queria precisar, para que não haja nenhuma confusão. Os levantes dos quais o senhor fala aconteceram em 1930; ora, o bloco de direitistas e trotskistas foi organizado, como o senhor sabe, cidadão Procurador, em 1933.

Vychinski – Mas sua tática não diferia em nada da tática de seu centro de direitistas. O senhor concorda?

Bukharin – Sim.

Vychinski – Então a organização do movimento insurrecional figurava nas atividades do bloco de direitistas e trotskistas?

Bukharin – Sim.

Vychinski – E o senhor assume a responsabilidade?

Bukharin – Eu já disse que respondo por toda a ação, tomada em seu conjunto.

Vychinski – O bloco orientava-se na direção da organização de atos terroristas, do assassinato de dirigentes do Partido e do Governo Soviético?

Bukharin – Sim, e acho conveniente datar o surgimento da organização em torno do outono de 1932.

Vychinski – E qual foi sua atitude quanto ao assassinato de Serguei Mironovitch Kirov? Este assassinato também foi executado segundo indicações do bloco de direitistas e trotskistas?

Bukharin – Eu não fui informado sobre ele.

Vychinski – E lhe perguntei: este assassinato foi executado sob orientação do bloco de direitistas e trotskistas?

Bukharin – E eu repito que não fui informado sobre ele, cidadão Procurador.

Vychinski – O senhor não foi informado especificamente sobre o assassinato de S. M. Kirov?

Bukharin – Não especialmente, mas...

Vychinski – Permitem que interroge o acusado Rykov?

Presidente – Sim, por favor.

Vychinski – Acusado Rykov, o que o senhor sabe sobre o assassinato de Kirov?

Rykov – Não tenho conhecimento de nenhuma participação dos direitistas nem da fração de direita do bloco no assassinato de Kirov.

Vychinski – De uma maneira geral, o senhor estava a par da preparação de atos terroristas, do assassinato de membros do Partido e do Governo?

Rykov – Eu era um dos dirigentes da fração de direita do bloco de direitistas e trotskistas e, nesta condição, tomei parte na organização de grupos terroristas e na preparação de atos terroristas. Como disse em minhas declarações, não conheço uma só decisão do centro de direitistas, pelo intermédio do qual eu estava ligado ao bloco de direitistas e trotskistas, sobre a execução concreta de assassinatos...

Vychinski – Sobre a execução concreta. Bem. O senhor sabia que o bloco de direitistas e trotskistas se colocava como tarefa, entre outras, a organização e a execução de atos terroristas contra os dirigentes do Partido e do Governo?

Rykov – Eu disse mais: eu mesmo organizei grupos terroristas. E o senhor me pergunta se por um acaso eu sabia da existência destas tarefas?

Vychinski – Eu pergunto se o bloco de direitistas e trotskistas estava envolvido no assassinato do camarada Kirov.

Rykov – No que diz respeito à atitude da fração de direita com relação a este assassinato, não tenho nenhuma informação; é por isso que eu estava convencido, até agora, que o assassinato de Kirov tinha sido cometido pelos trotskistas, à revelia dos direitistas. É evidente que eu poderia não estar informado.

Vychinski – O senhor mantinha ligações com Enoukidze?

Rykov – Com Enoukidze? Muito poucas.

Vychinski – Ele era membro do bloco de direitistas e trotskistas?

Rykov – Sim, desde 1933.

Vychinski – Que parte ele representava no bloco? A parte trotskista ou a parte direitista, para qual lado ele se inclinava?

Rykov – Acho que representava a parte direitista.

Vychinski – Está bem, sente-se, por favor. Permita-me fazer algumas perguntas ao acusado Yagoda.

Acusado Yagoda, o senhor sabe se Enoukidze, do qual acaba de falar o acusado Rykov, representava a fração de direita do bloco e se teve alguma relação direta com o assassinato de Serguei Mironovitch Kirov?

Yagoda – Rykov e Bukharin não dizem a verdade. Rykov e Enoukidze participaram da reunião do centro onde foi examinada a questão do assassinato de S. M. Kirov.

Vychinski – Os direitistas tiveram alguma relação com o assunto?

Yagoda – Uma relação direta, pois o bloco era dos direitistas e trotskistas.

Vychinski – Os acusados Rykov e Bukharin, especialmente, tiveram alguma relação com este assassinato?

Yagoda – Uma relação direta.

Vychinski – O senhor teve alguma coisa a ver com este assassinato, como membro do bloco de direitistas e trotskistas?

Yagoda – Sim.

Vychinski – Bukharin e Rykov falam a verdade, quando alegam ignorar o assunto?

Yagoda – Nem poderia ser assim pois, quando Enoukidze me informou que eles haviam, quer dizer, que o bloco de direitistas e trotskistas havia decidido, em reunião conjunta, perpetrar um ato terrorista contra a pessoa de Kirov, protestei energicamente...

Vychinski – Por quê?

Yagoda – Disse que não permitiria nenhum ato terrorista. Considerava como totalmente inútil.

Vychinski – E perigoso para a organização?

Yagoda – Evidentemente.

Vychinski – Entretanto?

Yagoda – Entretanto Enoukidze me confirmou...

Vychinski – O quê?

Yagoda – Que nesta reunião eles...

Vychinski – Eles quem?

Yagoda – Rykov e Enoukidze tinham começado protestando categoricamente...

Vychinski – Contra o quê?

Yagoda – Contra a realização de um ato terrorista, mas sob pressão da outra parte do bloco dos direitistas e trotskistas...

Vychinski – Principalmente trotskista?

Yagoda – Sim, sob pressão da outra parte do bloco de direitistas e trotskistas eles por fim deram seu consentimento. Foi o que Enoukidze me contou.

Vychinski – Pessoalmente, o senhor tomou alguma medida para que fosse consumado o assassinato de S. M. Kirov?

Yagoda – Pessoalmente?

Vychinski – Sim, como membro do bloco.

Yagoda – Eu dei a ordem...

Vychinski – A quem?

Yagoda – A Leningrado, a Zaporozjetz. Mas isso não se passou exatamente assim.

Vychinski – Falaremos disso mais tarde. Agora preciso esclarecer a participação de Rykov e de Bukharin neste episódio.

Yagoda – Eu tinha dado uma ordem a Zaporozjetz. Quando Nikolaiev foi preso...

Vychinski – A primeira vez?

Yagoda – Sim, Zaporozjetz veio aqui e me informou que um homem havia sido preso...

Vychinski – O que ele tinha na bolsa?

Yagoda – Um revólver e um diário íntimo. E que ele o havia soltado.

Vychinski – E o senhor aprovou?

Yagoda – Apenas anotei.

Vychinski – O senhor deu, a seguir, instruções de não colocar obstáculos ao assassinato de S. M. Kirov?

Yagoda – Sim, dei... Não desta forma.

Vychinski – De uma forma um pouco diferente?

Yagoda – Não desta forma, mas isto não tem importância.

Vychinski – O senhor deu a instrução?

Yagoda – Eu confirmei.

Vychinski – O senhor confirmou. Sente-se.

Presidente (a Vychinski) – O senhor ainda tem perguntas?

Vychinski – Tenho ainda uma pergunta para Bukharin. Sua visão quanto ao terrorismo, era positiva ou negativa? Sobre o terrorismo contra homens de Estado soviéticos?

Bukharin – Entendo. Sobre isto, a questão do terrorismo foi a mim colocada, pela primeira vez, durante uma conversa com Piatakov; acrescento que sabia da insistência de Trotski na tática terrorista. Na ocasião eu fui contra.

Vychinski – Quando foi isso?

Bukharin – No final das contas achamos um idioma comum com Piatakov, sob aquela fórmula de que tudo acabaria por se acertar e que, de uma maneira ou de outra os desacordos seriam superados. Além disso, eu lhe expliquei, cidadão Procurador...

Vychinski – O senhor explicou à Corte, na minha presença...

Bukharin – Eu expliquei à corte, em sua presença, que a orientação no sentido do terrorismo, para dizer a verdade, começou, de fato, com a plataforma Rioutine.

Vychinski – Compreendo. Mas quero saber da sua atitude com relação ao terrorismo, se ela era positiva?

Bukharin – O que o senhor quer dizer, exatamente?

Vychinski – Que o senhor era partidário do assassinato dos dirigentes do nosso partido e do Governo.

Bukharin – O senhor pergunta... Se eu, como membro do centro de direitistas e trotskistas, era partidário...

Vychinski – De atos terroristas.

Bukharin – Sim.

Vychinski – Contra quem?

Bukharin – Contra os dirigentes do Partido e do Governo.

Vychinski – Os detalhes, o senhor dirá depois. O senhor tornou-se partidário disso por volta de 1929 ou 1930?

Bukharin – Não, acho que foi por volta de 1932.

Vychinski – E em 1918, o senhor não era favorável ao assassinato dos dirigentes de nosso Partido e do Governo?

Bukharin – Não, não era.

Vychinski – O senhor era favorável à prisão de Lênin?

Bukharin – À prisão? Houve dois casos deste gênero. O primeiro, eu mesmo contei a Lênin. O segundo eu não falei nada, pois se tratava de conspiração. Posso, se o senhor desejar, explicar-lhe com mais detalhes, mas foi exatamente isso.

Vychinski – Foi exatamente isso?

Bukharin – Sim.

Vychinski – E sobre matar Lênin?

Bukharin – Falou-se primeiramente em prendê-lo por 24 horas. Havia esta fórmula, e depois a segunda...

Vychinski – E se Vladimir Ilitch não se rendesse?

Bukharin – Mas Lênin, como o senhor sabe, não lutava à mão armada, não era um brigão.

Vychinski – Os senhores contavam, então que Lênin, quando o fossem prender, não oporia resistência?

Bukharin – Veja bem, posso citar o exemplo de uma outra pessoa. Quando os socialistas-revolucionários de esquerda prenderam Dzerjinski, ele não opôs resistência.

Vychinski – Cada situação concreta é diferente. Nesta, então, os senhores não contavam com nenhuma resistência?

Bukharin – Não.

Vychinski – E na prisão do camarada Stálin, em 1918, os senhores contavam?

Bukharin – Na época houve muitas conversas sobre...

Vychinski – Eu não estou perguntando sobre as conversas, mas sobre o plano de detenção do camarada Stálin.

Bukharin – Mas como eu estou discordando do senhor, quando o senhor classifica isso de plano, permita-me então demonstrar à Corte o que se passou na verdade. Pode-se dizer que na época não tínhamos um plano, mas que mantivemos conversações.

Vychinski – Sobre o que?

Bukharin – Tivemos uma conversa relativa à formação de um novo governo, composto por comunistas de esquerda.

Vychinski – Eu lhe pergunto: os senhores tinham, em 1918, um plano para prender o camarada Stálin?

Bukharin – Stálin, não. Havia um plano para prender Lênin, Stálin e Sverdlov.

Vychinski – Dos três, Lênin, Stálin e Sverdlov?

Bukharin – Exatamente.

Vychinski – Ou seja, não apenas do camarada Stálin, mas dos camaradas Lênin e Sverdlov também?

Bukharin – Perfeitamente.

Vychinski – E havia algum plano de prisão?

Bukharin – Já disse: não havia plano de prisão, mas houve conversas sobre este assunto.

Vychinski – E sobre o assassinato dos camaradas Lênin, Stálin e Sverdlov?

Bukharin – Em nenhuma hipótese.

Vychinski – Para elucidar a questão solicito à Corte que convoque hoje, no final da audiência ou na próxima audiência as seguintes testemunhas: Iakovleva, antiga integrante ativa do grupo dos comunistas de esquerda; Ossinski, antigo membro ativo do grupo dos ditos comunistas de esquerda, Mantsev e mais os socialistas-revolucionários de esquerda, membros do comitê central daquela organização, Kareline e Kamkov, para interrogá-los sobre a questão de saber se Bukharin e os comunistas de esquerda, dirigidos à época por ele, em conjunto com os socialistas-revolucionários de esquerda possuíam um plano – e

qual plano – de detenção e assassinato dos camaradas Lênin, Stálin e Sverdlov. No momento, não tenho mais perguntas.

Bukharin – Posso continuar?

Presidente (depois de ter consultado os membros da Corte) – A corte decide dar encaminhamento à solicitação do Procurador e citar, na qualidade de testemunhas, Iakovleva, Ossinski, Mantsev, Kareline e Kamkov.

Vychinski – Estou satisfeito.

Presidente – O senhor não tem mais perguntas, no momento, ao acusado Bukharin?

Vychinski – Não.

Presidente – Informo ao acusado Bukharin que este não é o momento nem de sua defesa, nem de suas declarações finais.

Bukharin – Compreendo bem.

Presidente – Assim sendo, se o senhor deseja dizer alguma coisa sobre sua atividade anti-soviética, por favor, prossiga. O senhor tem a palavra.

Bukharin – Gostaria de me deter na questão da restauração do capitalismo. Os senhores me permitem?

Vychinski – Claro, é a sua especialidade.

Bukharin – Gostaria de me deter na plataforma ideológica, não porque queira declinar minha responsabilidade pela atividade contra-revolucionária criminosa em seu lado prático. Quero justamente evitar esta impressão ao tribunal. Mas quero responder à pergunta feita pelo cidadão Procurador a Rakovski: em nome de que o bloco de direitistas e trotskistas travou esta luta criminosa contra o poder soviético. Dei-me conta de que não sou um conferencista, que não devo fazer sermões aqui. Sou um acusado, que deve assumir suas responsabilidades como criminoso colocado diante do tribunal do país proletário. E justamente por ter a impressão de que este julgamento tem um alcance social, e que esta questão foi posta muito pouco em evidência, considero que será útil deter-me no programa que ninguém jamais anunciou, ao programa prático do bloco de direitistas e trotskistas, e retirar os parênteses da fórmula: O que é a restauração capitalista, tal qual ela foi concebida e era compreendida nos quadros do bloco de direitistas e trotskistas. Repito que, se desejo tratar este ângulo da questão, não o faço para eximir-me da responsabilidade pelas diversas ações práticas, por meus crimes contra-revolucionários. Quero dizer que eu não era um simples integrante da contra-revolução, mas um de seus líderes e, como tal, a magnitude de minha responsabilidade é bem maior, sou responsável em uma medida muito maior do que qualquer um dos simples integrantes. De sorte que não devem desconfiar que eu queira escapar, fugir à responsabilidade, mesmo que eu não tivesse sido membro da organização de direitistas e trotskistas. A Corte e a opinião pública de nosso país, assim como a opinião pública de outros países, desde que se trate da parte progressista da humanidade, pode julgar como chegamos lá, como todos nos tornamos contra-revolucionários obstinados, traidores da pátria socialista, como nos tornamos espíões, terroristas, restauradores do capitalismo e quais são, em definitivo, as idéias, as plataformas políticas do bloco de direitistas e trotskistas. Nós traímos, cometemos crimes e traições. Mas em nome de que fizemos tudo isso? Nós nos tornamos um destacamento insurgente, organizamos grupos

terroristas, praticamos sabotagens, queríamos derrubar a valente direção de Stálin, o poder soviético do proletariado.

Uma das respostas mais comuns, é que a lógica da luta nos empurrou na direção da contra-revolução, da conspiração, da traição; que ela nos levou a esta vergonha, a este crime, que fez com que nos encontremos hoje no banco dos réus... Eu não digo que estas coisas não cheguem a acontecer na vida pública; mas há uma lógica; a lógica da luta se relaciona com os procedimentos da luta, com a plataforma.

Eu gostaria de me deter nestes dados, ainda que eu esteja convencido que, na essência, esta terminologia soe assaz estranha quando se trata de uma atividade também criminosa; entretanto me parece importante deter-me nela.

Foi provado inúmeras vezes e confirmado dezenas de milhares de vezes que o desvio de direita, desde que apareceu, mesmo quando ela ainda era embrionária, desde seu nascimento, colocou-se a tarefa da restauração capitalista. Não vou falar disso. Quero tocar em um outro ponto da questão, que considero muito mais importante, o lado objetivo disso tudo, porque aqui se coloca o problema da imputabilidade e da apreciação sob o prisma dos crimes revelados no processo, mormente que sou um dos líderes levados ao banco dos réus. O que precisamos aqui é partir do princípio.

Os contra-revolucionários representavam, aparentemente, no começo, um “desvio”, destes “desvios” que, no primeiro momento, começam por um descontentamento com relação à coletivização, por um descontentamento com a industrialização, sob o pretexto de que a industrialização arruína a produção. À primeira vista, é o essencial. Depois surge a plataforma de Rioutine. Quando toda a máquina do Estado, todos os meios, as melhores forças foram mobilizadas para a industrialização do país, para a coletivização, nós nos deslocamos, literalmente em 24 horas, ao outro lado, nós nos colocamos ao lado dos kulaks, dos contra-revolucionários, ao lado dos restos do capitalismo, que existiam ainda naquela época no domínio da circulação de mercadorias. Daí a significação essencial: a análise do ponto de vista subjetivo está clara. Produziu-se em nós um processo muito curioso de subestimação da exploração individual, a passagem gradual à sua idealização e à idealização do proprietário. Esta foi a nossa evolução. No programa, fechamos os olhos à exploração absoluta do camponês individual, e o kulak, no fundo, tornou-se um fim em si mesmo. Ele ironizava quanto aos kolkhozes. Na época, nossa psicologia de conspiradores contra-revolucionários se afirmava, cada vez mais, no seguinte sentido: o kolkhoz é a música do futuro. É preciso multiplicar os proprietários ricos. Tal era a virada formidável que se operava em nossa maneira de ver as coisas, em nossa psicologia. Em 1917 não passaria pela cabeça de nenhum membro do Partido – nem na minha – prantejar qualquer um dos guardas brancos executados; ora, no período da liquidação dos kulaks, em 1929-1930, pranteávamos os kulaks expropriados, por motivos ditos humanitários. Qual entre nós, em 1919, teria a idéia de imputar a ruína de nossa economia, de culpar aos bolcheviques, ao invés de culpar a sabotagem? Ninguém. Isso pareceria claramente uma traição. Entretanto, já em 1928, eu mesmo formulei a teoria da exploração militar-feudal dos camponeses, ou seja, eu imputava o ônus da luta de classes não à classe hostil ao proletariado, mas justamente à própria direção do proletariado. Houve um giro de 180°. O que significa que neste sentido as plataformas políticas tornaram-se plataformas contra-revolucionárias. A economia kulak e seus interesses tornaram-se, de fato, um ponto do programa. A lógica da luta conduziu a lógica das idéias e nos fez modificar nossa psicologia, a contra-revolucionar nossos objetivos.

Tomemos o caso da indústria. Logo começamos a clamar contra a superindustrialização, contra a excessiva carga orçamentária, etc. No fundo esta era uma reivindicação

programática, o ideal de um país agrário de kulaks tendo, como apêndice, uma indústria. E do ponto de vista psicológico? Do ponto de vista psicológico nós, que outrora preconizávamos a industrialização socialista, primeiro com indiferença, a seguir com ironia e, por fim, enraivecidos, começamos a considerar nossas imensas fábricas em desenvolvimento como monstros insaciáveis, que devoravam tudo, que privavam de bens de consumo as imensas massas, consideramos que elas constituíam um perigo. Os esforços heróicos dos trabalhadores de vanguarda...

Presidente – Acusado Bukharin, o senhor anda não compreendeu. Não são suas considerações finais o que o senhor deve fazer agora. O senhor foi convidado a expor sua atividade contra-revolucionária anti-soviética e o senhor tenta dar uma conferência. Em suas declarações finais o senhor poderá dizer o que quiser. É a terceira vez que lhe explico.

Bukharin – Então me permita explicar muito brevemente...

Vychinski – Diga-nos, acusado Bukharin, como tudo isso tomou, na sua prática, a forma de atividade anti-soviética.

Bukharin – Então me permitam enumerar certos pontos do programa. E, a seguir, passarei a expor minha atividade contra-revolucionária prática. O senhor me permite, cidadão Presidente?

Presidente – Seja breve, por favor. O senhor terá a oportunidade de pronunciar um discurso, na qualidade de autodefensor.

Bukharin – Esta não é minha defesa, é minha auto-acusação. Não disse uma só palavra em minha defesa. Se quiserem formular praticamente minha plataforma-programa, ela será a seguinte, em termos econômicos: capitalismo de Estado, o mujique abastado, senhor de suas propriedades, a redução dos kolkhozes, concessões aos estrangeiros, abandono do monopólio do comércio exterior e, como resultado, a restauração do capitalismo no país.

Vychinski – Para aonde apontavam os seus objetivos? Qual o prognóstico geral que os senhores faziam?

Bukharin – Nosso prognóstico apontava para isso, para uma virada total do país em direção ao capitalismo.

Vychinski – E o resultado?

Bukharin – O resultado foi completamente diferente.

Vychinski – O resultado foi a vitória completa do socialismo.

Bukharin – Sim, a vitória completa do socialismo.

Vychinski – E a falência total de suas previsões?

Bukharin – Sim, a falência completa de nossas previsões. Em termos de política interna, nosso programa era, na verdade – é preciso dizer, me parece, com todas as letras – um desvio em direção à democracia burguesa, em direção às coalizões, pois do bloco com os mencheviques, os socialistas-revolucionários e outros, resultava a liberdade de partidos, de coalizões; e aqui resultava logicamente, de forma clara, do bloco formado para a luta, uma vez que, escolhidos estes aliados para derrubar o governo, no futuro, em caso de uma

eventual vitória, eles seriam partícipes do poder. Era não apenas um desvio em direção à democracia burguesa, mas também, no sentido político, em uma direção que continha, incontestavelmente, elementos do czarismo.

Vychinski – Dito mais claramente, de fascismo.

Bukharin – Se no seio do bloco de direitistas e trotskistas havia uma orientação ideológica favorável aos kulaks e, ao mesmo tempo, uma orientação no sentido de uma revolução de palácio, de um complô militar, de uma guarda pretoriana contra-revolucionária, estes são, é claro, elementos do fascismo.

Se, no domínio econômico, agissem os elementos do capitalismo de Estado, dos quais falei...

Vychinski – Já basta, o senhor já chegou no fascismo puro e simples, no fascismo desbragado.

Bukharin – Sim, é verdade, ainda que não tenhamos ainda posto todos os pingos nos “is”. A fórmula que nos caracteriza como conspiradores, como restauradores do capitalismo, é justa sob todos os pontos de vista. E é muito natural que este fenômeno tenha sido acompanhado de uma degenerescência de toda a ideologia, de nossas práticas e da metodologia da luta.

Agora me permitam passar logo à exposição de minha atividade criminoso.

Vychinski – Posso, por favor, fazer antes duas ou três perguntas de ordem biográfica?

Bukharin – Claro.

Vychinski – O senhor viveu na Áustria?

Bukharin – Sim.

Vychinski – Muito tempo?

Bukharin – De 1912 até 1913.

Vychinski – O senhor teve alguma ligação com a polícia austríaca?

Bukharin – Não.

Vychinski – O senhor viveu nos Estados Unidos?

Bukharin – Sim.

Vychinski – Muito tempo?

Bukharin – Bastante.

Vychinski – Quantos meses?

Bukharin – Em torno de sete meses.

Vychinski – Nos Estados Unidos, o senhor manteve ligações com a polícia?

Bukharin – Não tive nenhuma ligação.

Vychinski – De lá o senhor veio para a Rússia passando pelo...

Bukharin – Pelo Japão.

Vychinski – Ficou lá muito tempo?

Bukharin – Uma semana.

Vychinski – Durante uma semana. O senhor não foi recrutado?

Bukharin – Se tais perguntas o aprazem...

Vychinski – O Código de Processos Criminais me dá o direito de fazer estas perguntas.

Presidente – O Procurador tem ainda mais direito de fazer tais questionamentos dado que Bukharin é acusado de ter tentado assassinar os dirigentes do Partido já em 1918. O senhor é acusado de, já em 1918, atentar contra a vida de Vladimir Ilitch Lênin.

Vychinski – Eu não estou me afastando das normas do Código de Processos Criminais. Se assim o desejar, o senhor pode responder “não”, mas eu posso interrogar-lhe.

Bukharin – Está certo.

Presidente – O consentimento do acusado não é necessário.

Vychinski – O senhor não teve nenhuma ligação com a polícia?

Bukharin – Absolutamente nenhuma.

Vychinski – Como Tchernov, no ônibus? Pergunto-lhe se o senhor teve contato com algum órgão qualquer da polícia?

Bukharin – Nenhuma ligação, com nenhum órgão policial.

Vychinski – Então por que o senhor aderiu tão facilmente ao bloco que fazia espionagem?

Bukharin – No que toca à espionagem, eu não sei de absolutamente nada.

Vychinski – Como assim, o senhor não sabe de nada?

Bukharin – Assim, como eu lhe disse.

Vychinski – E o bloco, de que se ocupava?

Bukharin – Houve aqui duas declarações a respeito de espionagem – a de Charangovitch e a de Ivanov – ou seja, de dois provocadores.

Vychinski – Acusado Bukharin, o senhor também considera Rykov como um provocador?

Bukharin – Não.

Vychinski (a Rykov) – Acusado Rykov, o senhor sabia que o bloco de direitistas e trotskistas se ocupava com espionagem?

Rykov – Eu sabia que algumas organizações faziam espionagem.

Vychinski – Diga-nos, a organização nacional-fascista da Bielo-Rússia, que era parte integrante de seu bloco de direitistas e trotskistas e era dirigida pelo acusado Charangovitch, fazia espionagem?

Rykov – Eu já falei.

Vychinski – Ela fazia trabalho de espionagem?

Rykov – Sim.

Vychinski – Ela tinha ligações com o serviço de espionagem polonês?

Rykov – Sim.

Vychinski – O senhor sabia?

Rykov – Sim, eu sabia.

Vychinski – E Bukharin, ignorava?

Rykov – Na minha opinião, Bukharin também sabia.

Vychinski – Então, acusado Bukharin, não é Charangovitch quem diz, é seu bom amigo Rykov.

Bukharin – Entretanto, eu não sabia.

Presidente – Camarada Procurador, o senhor não tem mais perguntas?

Vychinski – Eu gostaria de explicar ao acusado Bukharin. O senhor compreende agora o porquê de minha pergunta sobre a Áustria?

Bukharin – Minha ligação com a polícia austríaca é que eu fui preso na Áustria.

Vychinski – Acusado Charangovitch, mesmo que o senhor tivesse sido preso, o senhor seria um espião polonês?

Charangovitch – Eu era, ainda que tivesse sido preso.

Bukharin – Eu fui preso na Suécia. Fui preso duas vezes na Rússia. Fui preso na Alemanha.

Vychinski – Que o senhor tenha sido preso não prova que o senhor não possa ter sido um espião.

Acusado Rykov, o senhor confirma que após todos os períodos passados em prisões estrangeiras, Bukharin, da mesma forma que o senhor, conhecia a ligação de Charangovitch com o serviço de espionagem polonês? Ele a conhecia e aprovava?

Rykov – Eu tinha conhecimento de organizações que faziam espionagem.

Vychinski – O fato de Bukharin ter sido preso em diversos locais não o impede de aprovar as ligações de seus cúmplices com o serviço de espionagem polonês. O senhor compreende isso?

Rykov – Não, não compreendo.

Vychinski – Mas Bukharin compreende.

Bukharin – Compreendo, mas nego.

Presidente – Prossiga.

Bukharin – Devo fazer minha exposição por etapas, brevemente. Minha atividade contra-revolucionária propriamente dita, na medida em que ela se trata de um desvio de direita, que evolui até – e inclusive, ao bloco de direitistas e trotskistas, com uma metodologia de luta adequada, com os atos criminosos correspondentes, remonta, de fato, aos anos de 1919-1920, quando, entre meus alunos da Universidade de Sverdlov, formei um grupo que, muito rapidamente, começou a transformar-se em fração. A constituição deste grupo é conhecida, ela figura nos dossiês da instrução e, pelo que pude ver pelas réplicas do cidadão Procurador, ele está informado sobre ela.

Vychinski – Entre seus alunos figurava Slepkov, que o senhor enviou ao Cáucaso do Norte para organizar uma sublevação?

Bukharin – Exato. Posso ainda citar numerosos fatos.

Vychinski – Do mesmo gênero?

Bukharin – Não, não são do mesmo gênero.

Vychinski – Mas do mesmo tipo?

Bukharin – Não.

Vychinski – Qualquer coisa de parecido?

Bukharin – Por favor, não posso dizer tudo em uma só palavra.

Vychinski – Continue.

Bukharin – Foi assim que se formou um núcleo, que mais tarde aderiu à organização contra-revolucionária comum dos direitistas e, mais tarde, conseqüentemente, ao bloco de direitistas e trotskistas.

Por volta de 1923, eu redigi um documento, que deveria ter sido enviado ao Comitê Central. Entretanto eu não o encaminhei a seu destino, mas ele circulou entre os integrantes desta “escola”, de onde nasceu todo um conjunto de concepções que, mais tarde, tomaram corpo, floresceram e geraram frutos envenenados. No documento eu dizia que as crises se sucederiam na direção do Partido...

Vychinski – O que o senhor dizia então não importa nada atualmente.

Bukharin – Em 1928, quando apareceram no país os elementos de crise nas relações entre o proletariado e os camponeses, e que a direção do Partido, Stálin à frente, traçou a linha a ser seguida para vencer as dificuldades e marchar contra a classe dos kulaks, a oposição começou a se cristalizar, no começo simplesmente como oposição. Um episódio daquele ano foi o meu encontro com o então dirigente da GPU, G. G. Yagoda, para que ele me entregasse materiais considerados tendenciosos; ele me deu materiais deliberadamente escolhidos, que utilizei para formar minha ideologia contra-revolucionária e preparar as ações correspondentes.

Vychinski – Quando a sua organização contra-revolucionária se materializou?

Bukharin – Em torno de 1928-1929 deu-se minha aproximação com Tomski e Rykov. Em seguida vieram as ligações e sondagens entre os membros do então Comitê Central, as conferências clandestinas que eram ilegais em relação ao Comitê Central. Foi assim que a organização transgrediu as fronteiras da legalidade do Estado soviético. E sobre esta base ergueu-se rapidamente uma estrutura de direção da organização de direita, que podemos apresentar, sob o aspecto de sua escala hierárquica, mais ou menos assim: o trio – Rykov, Tomski e eu – que fazíamos parte do Birô Político; os membros do Comitê Central, representantes da oposição e que já naquela época, por suas concepções, tinham-se transformado em um grupo contra-revolucionário e diferentes agrupamentos cujos integrantes essenciais eram os seguintes: primeiro, Bukharin e sua célebre “escola”; segundo, Tomski e seus quadros do trabalho sindical; terceiro, Rykov, seus secretários e homens do aparelho soviético; quarto, Ouglanov com os militantes da região de Moscou e o grupo da Academia Industrial. Foi assim que se formou a camada superior desta organização contra-revolucionária.

Vychinski – E Yagoda, onde estava?

Bukharin – Yagoda estava fora, na época.

Vychinski – Ele estava em contato com os senhores?

Bukharin – Sim.

Vychinski – Ele os ajudava a reunir materiais contra-revolucionários?

Bukharin – Perfeitamente.

Vychinski – Então ele era um participante...

Bukharin – Falo, neste momento, da alta hierarquia da organização, e é por isso que, sobre Yagoda...

Vychinski – Apenas não quero prejudicar o acusado Yagoda.

Bukharin – Foi então que começaram as sondagens para a formação de um bloco. Primeiro, minha conversa com Kamenev, em sua casa. Depois, meu encontro com Piatakov, no hospital, ao qual também compareceu Kamenev. Terceiro, a reunião com Kamenev, na casa de campo de Schmidt.

Esqueci de dizer que, já em 1928, sob a base e a propósito das intervenções dos representantes de todo um grupo da oposição no seio do Comitê Central, os quais, na época, defendiam já posições contra-revolucionárias, e inspirando-me um plano apropriado, redigi aquilo que ficou conhecido como plataforma de 1928.

Falo isso não apenas porque ela foi muito divulgada e nem porque, como se sabe, tais idéias foram então a base de todas as medidas de ordem prática, e que ela se tornou um fator ideológico, de formação, mas porque durante a segunda reunião com os trotskistas-zinovievistas, ou seja, na conversa com Kamenev e Piatakov, mostrei o capítulo econômico desta plataforma a eles.

Não sei se uma exposição detalhada irá interessar...

Vychinski – Considero que tais episódios podem ser expostos de maneira abreviada.

Bukharin – Certo. Minha conversa com Kamenev em sua casa: houve discursos violentos, caluniosos, sobre a direção do Partido, o regime no interior do Partido, a situação da fome, a guerra civil no país, calúnias contra a direção do Partido, etc.

Minha reunião no hospital. Repito: apesar de a plataforma econômica ter tido uma tal repercussão, não houve então nenhum entendimento, mas sondagens e uma tentativa de entendimento.

Enfim, em terceiro lugar, meu encontro na casa de campo de Vassili Schmidt que, na ocasião, estava ausente – assistiram ao encontro eu, meu secretário Zeitlin, Kamenev e Tomski. O encontro foi relativamente breve. Constituiu-se na discussão da tática que deveríamos seguir – nós, membros do Comitê Central que estávamos na oposição – no próximo pleno do Comitê Central. A posição de Kamenev era a de que deveríamos agir, enquanto nós desejávamos esperar. Desta maneira considero os três encontros como uma procura de uma ligação criminosa e de um bloco criminoso contra a direção do Partido e contra o Partido, com os quadros que se agrupavam em torno de Kamenev-Zinoviev, de uma parte, e em torno do trotskista Piatakov de outra.

Em 1930-1931 começa a etapa seguinte no desenvolvimento da organização contra-revolucionária dos direitistas. Havia então, no país, um forte agravamento da luta de classes, da sabotagem dos kulaks, a resistência de classe dos kulaks à política do Partido, etc.

Esta etapa eu considero uma extensão do jogo duplo a toda nossa frente de atuação. O trio havia tornado-se um centro ilegal, de maneira que, se antes este trio havia sido a cabeça da oposição, agora era o centro da organização contra-revolucionária clandestina. E, apesar de que, repito, ele era ilegal com relação ao Partido, ele tornou-se ilegal também com relação aos organismos do poder soviético.

Enoukidze aderiu logo a este centro clandestino, ao qual ele estava ligado por intermédio de Tomski. Próximo ao centro estava também, na época, Ouglanov, cujo papel na organização do partido era grande, posto que, em um passado recente, ele havia dirigido a organização do Partido em Moscou.

Nesta mesma época, ou seja, por volta do final de 1931, os participantes da chamada “escola” foram mandados às províncias, a Voronege, Samara, Leningrado, Novossibirsk, e suas transferências foram utilizadas, já naquela época, com fins contra-revolucionários.

Vychinski – De que maneira deu-se esta utilização?

Bukharin – Deu-se através da orientação, por parte do trio clandestino, membros do centro de direitistas, eu inclusive, dada a estes indivíduos decadentes no sentido de recrutar, cooptar novos homens.

Com relação a Yagoda, se não me falha a memória, ele, segundo Rykov, exigia para ele uma situação particular, em especial neste período.

Vychinski – Uma situação particular em que sentido?

Bukharin – Uma situação particular no interior da organização dos direitistas, no sentido de formas particulares de conspiração e camuflagem, o que é compreensível em função do posto que ele ocupava na hierarquia soviética oficial.

Vychinski – E ele conseguiu tal situação?

Bukharin – Sim, consegui. Por volta do outono de 1932 passamos à etapa seguinte no desenvolvimento da organização dos direitistas, a saber, a passagem à tática da derrubada do poder soviético por meios violentos.

Vychinski – De quando o senhor data o início desta etapa?

Bukharin – Do verão de 1932, aproximadamente. Mas devo dizer, cidadão Procurador, que, de maneira geral, no que se refere a toda esta periodização, é preciso dizer que ela é aproximativa. Eu exemplifico com o fato do envio de Iakovenko, com o meu consentimento e do centro de direitistas; evoquei os fatos sobre os quais o senhor me interrogou e sobre os quais eu lhe dei uma resposta afirmativa. Donde concluo simplesmente que a não concordância de datas não pode, de maneira nenhuma, servir para negar o caráter criminoso deste ou daquele ato, pois na prática não havia limites claramente definidos. Além disso, em certos casos, como no caso de Iakovenko, a situação estava tão acalorada que ela provocava, de nossa parte, uma reação criminosa correspondente.

Passando à tática da derrubada violenta do poder soviético, eu a localizo junto com o momento da fixação da chamada plataforma Rioutine. Já falamos bastante dela, talvez não seja necessário deter-se nisso. Ela foi chamada plataforma Rioutine com fins conspirativos, para colocar-nos a salvo de uma investigação; ela chamou-se plataforma Rioutine para mascarar o centro de direitistas e suas figuras mais conhecidas. Digo mais: parece-me que a plataforma Rioutine – e é por isso que me permito reter sua atenção por mais alguns minutos – a plataforma Rioutine, pelo que me lembrei durante o processo, era uma plataforma de uma organização contra-revolucionária de direitistas e representava, creio, uma plataforma efetivamente comum para os outros grupos também, aí compreendidos os grupos de Kamenev, de Zinoviev e de Trotski.

Naquele momento a situação era tal que Trotski teve que despir sua fantasia esquerdista. Quando as coisas ganharam uma formulação precisa do que deveria ser feito, no final das contas se revelou claramente sua plataforma de direita, ou seja, que era preciso falar em descoletivização, etc.

Vychinski – Quer dizer que os senhores armaram ideologicamente o próprio trotskismo?

Bukharin – Perfeitamente. A relação entre as forças era a seguinte: Trotski insistia em uma exacerbação dos métodos de luta, enquanto que nós, até certo ponto, nós o armávamos ideologicamente. (a Vychinski) Quer que eu fale mais sobre a plataforma Rioutine?

Vychinski – O senhor é quem decide.

Bukharin – Não, estou perguntando se isso lhe interessa, sim ou não?

Vychinski – São seus crimes que me interessam.

Bukharin – Bem, meus crimes são tão numerosos, cidadão Procurador, que é preciso escolher os principais entre eles.

Vychinski – Eles todos nos interessam, do primeiro ao último.

Presidente – Até agora o senhor está enrolando, não disse nada de seus crimes.

Bukharin – Assim que os senhores não consideram uma organização ilegal como um crime? Tampouco a plataforma Rioutine os senhores consideram como um crime?

Vychinski – Não se trata disso. Trata-se de que o senhor está enrolando.

Presidente – Acusado Bukharin, peço que não discuta, apenas fale, caso tenha a intenção.

Bukharin – Falarei.

Presidente – Segundo o regulamento a sessão deve terminar em quinze minutos. Peça-lhe que formule brevemente seu pensamento, ou que termine.

Vychinski – O senhor falou aqui sobre Yagoda. Desejo interrogá-lo. Acusado Yagoda, diga-me, por favor, o senhor exigiu do bloco que uma situação clandestina especial lhe fosse reservada?

Yagoda – Sim, eu formulei tal reivindicação.

Vychinski – O senhor se recorda em que circunstâncias e com quem o senhor falou?

Yagoda – Falei com Rykov.

Vychinski – Acusado Rykov, o senhor confirma?

Rykov – Confirmo. Já havia dito em minhas declarações anteriores, na instrução prévia.

Vychinski – Prossiga.

Bukharin – A plataforma Rioutine fixou a passagem à tática da derrubada do poder soviético por meios violentos.

Sobre isso me parece necessário abordar a conferência de 1932. Aqueles militantes enviados à província, jovens em sua maioria, retornaram das missões que lhes haviam sido

dadas e, por iniciativa de Slepkov e com minha anuência, eles convocaram, no final do verão de 1932, uma conferência na qual foram apresentados relatórios sobre a situação nas províncias.

Vychinski – Relatórios clandestinos?

Bukharin – Sim, a conferência era clandestina, o trabalho era clandestino, os relatórios eram clandestinos e tratavam do trabalho clandestino.

Vychinski – A conferência era contra-revolucionária, os relatórios eram contra-revolucionários e tratavam do trabalho contra-revolucionário.

Bukharin – Sim, tudo isso era contra-revolucionário.

Nesta conferência, entre outros pontos da ordem do dia, figurava a plataforma Rioutine, que foi aprovada. Depois disso elegeu-se um conselho, com o trio, acrescido de Ouglanov. Não tomei parte no conselho, pois estava em férias. Mas, quando retornei, me declarei completamente favorável à plataforma, e assumo inteira responsabilidade. A plataforma Rioutine tinha sido aprovada em nome do centro de direitistas. A plataforma Rioutine era constituída por: revolução de palácio, terrorismo, orientação no sentido de uma aliança direta com os trotskistas. Na época havia amadurecido entre os direitistas, e não somente na direção mas, se me lembro bem, inclusive entre alguns militantes da província, a idéia de uma revolução de palácio. No começo a idéia havia sido lançada por Tomski, que era ligado a Enoukidze. Ele chegou a tal formulação diante da possibilidade de utilizar a situação oficial de Enoukidze, que tinha então grande poder sobre a guarda do Kremlin. Temos aqui o resultado da lógica da luta e o desaparecimento das opções por um trabalho legal; o desenvolvimento de tal idéia, o fortalecimento da ligação entre Tomski e Enoukidze e da de Rykov com Yagoda. Tomski dizia que Enoukidze estava de acordo em participar ativamente neste golpe de Estado. Ele disse também que Enoukidze tinha recrutado Peterson. Foi então que, para empregar uma expressão irônica, a questão, de acadêmica que era, tornou-se uma questão prática, visto que todos os elementos estavam dados para um golpe de Estado.

Conseqüentemente, já nesta época o plano estava concebido, e juntávamos as forças organizativas necessárias para realizá-lo, isto é, recrutávamos as pessoas para deflagrar a revolução de palácio. Foi então que se concretizou o bloco político com Kamenev, Zinoviev. Foi neste período que tiveram lugar as conversas com Syrtzov e Lominadze.

Devo dizer – mas peço à Corte que não entenda como uma tentativa de atenuar minhas faltas – que neste grupo havia uma tendência que, do ponto de vista político, não era insignificante, que diferenciava os direitistas dos trotskistas. Os trotskistas orientavam-se para o terrorismo, enquanto os direitistas depositavam suas esperanças no movimento insurrecional. Os direitistas dirigiam a organização para uma ação de massas.

Não penso que isto seja atenuante, mas conto agora o que se passou então e o que sei de acordo com os relatos da época. Nós buscávamos atingir as massas.

Eu tratava com Piatakov, Tomski e Rykov. Rykov, com Kamenev, e Zinoviev com Piatakov.

No verão de 1932 tive, pela segunda vez, uma conversa com Piatakov no Comissariado do Povo da Indústria Pesada. Para mim era muito fácil encontrá-lo, visto que eu trabalhava sob a direção de Piatakov. Ele era meu chefe. Eu ia encontrá-lo em seu gabinete, para assuntos de trabalho, sem levantar nenhuma suspeita. O fato de eu demorar-me em seu gabinete tampouco levantava suspeitas. E sabem quais assuntos discutíamos?

Vychinski – Os senhores utilizavam todos os meios legais para travar conversas ilegais?

Bukharin – Eu utilizava as possibilidades legais com fins ilegais, anti-soviéticos. Durante meu encontro, que ocorreu no verão de 1932, Piatakov me falou de sua reunião com Sedov, da instrução de Trotski quanto ao terrorismo. Naquele momento nós consideramos, Piatakov e eu, que tais idéias não eram as nossas. Mas decidimos que saberíamos rapidamente encontrar uma linguagem comum, e que as divergências relativas à luta contra o poder soviético seriam superadas. Tomski e Rykov, a menos que eu me engane, encontraram-se com Kamenev e Sokolnikov, Lembro-me que na época Tomski insistia particularmente sobre a perpetração de um golpe de Estado e sobre a concentração de todas as forças, enquanto os membros do centro de direitistas se orientavam em direção ao movimento insurrecional. Podemos dizer que já no fim de 1932 – a plataforma Rioutine é datada do outono, do fim do verão de 1932, a conferência é datada...

Presidente – A sessão chega a seu fim, terminou.

Bukharin – Então, apenas termino a idéia: o bloco contra-revolucionário de direitistas, de trotskistas e de kamenevistas-zinovievistas já estava formado por volta do final de 1932.

Presidente – A sessão está suspensa. A próxima audiência acontecerá dia 7 de março, às 11 horas da manhã.

O Presidente (assinado) V. V. Ulrich

Presidente do Colégio Militar da Corte Suprema da URSS

Jurista Militar do Exército

O Escrivão (assinado) A. A. Batner

Jurista Militar de 1º Grau

SESSÃO MATUTINA DE 7 DE MARÇO DE 1938

Oficial – A Corte! Levantem-se, por favor.

Presidente – Sentem-se, por favor.

Acusado Bukharin, prossiga suas declarações sobre sua atividade contra-revolucionária.

Bukharin – Pois não. Anteontem eu havia parado no final de 1932, no momento em que se constituía o bloco de direitistas, trotskistas e zinovievistas, sobre a base, de maneira geral, da plataforma Rioutine. Entre os membros da organização contra-revolucionária dos direitistas começaram a se manifestar, já naquela época, tendências terroristas. Podemos contactá-las entre os chamados de meus discípulos, no grupo de Matveev, que se reunia em torno de Ouglanov, entre os seguidores de Rykov e entre alguns trabalhadores sindicais, o que foi denunciado então pela imprensa. Foi também naquela época que ocorreu a criação do grupo de conspiradores no Exército Vermelho. Soube por Tomski, que havia sido informado por Enoukidze, com o qual ele mantinha relações pessoais e com quem lhe era também mais cômodo manter contato, visto que moravam no mesmo andar do Kremlin.

De ambos – Tomski e Enoukidze – eu ouvira dizer, ou, para ser mais exato, já que “ouvir dizer” não é preciso, Tomski e Enoukidze me informaram que na direção do Exército Vermelho a unidade entre direitistas, zinovievistas e trotskistas havia sido atingida. Dizendo isso, passaram-me os nomes. Não garanto que me lembre de todos, mas direi os que me recordo: são eles Tukhatchevski, Kork, Primakov e Poutna.

A ligação com o centro dos direitistas dava-se, então, da seguinte maneira: o grupo militar, Enoukidze, Tomski e os outros. Em torno desta mesma época, ou seja, por volta do final de 1932 ou começo de 1933, foi formado o chamado centro de contato, que reunia os representantes das diferentes correntes contra-revolucionárias hostis ao Partido, inclusive os direitistas.

Retomando minha exposição, ou minhas declarações sobre a atividade criminosa do bloco contra-revolucionário, gostaria de me deter agora na idéia do golpe de Estado como uma das idéias criminosas centrais e, posteriormente, sobre a preparação prática, posto que tal idéia e a preparação prática correspondente apresentaram, segundo os diversos períodos da conjuntura política geral, diferentes estágios de desenvolvimento.

O nascimento da idéia do golpe de Estado data, para os conspiradores de direita, dos anos de 1929-1930, aproximadamente. Naquele momento, ainda que ela estivesse em um estado embrionário, concebíamos o golpe de Estado ou, mais exatamente, falávamos dele, como um golpe de Estado que se faria sobre uma base relativamente restrita. Diria que era uma idéia de um golpe de Estado restrito, mais precisamente uma “revolução de palácio” (outra vez ressalto que não desejo diminuir minha responsabilidade). Tal idéia fora expressa pela primeira vez por Tomski, devido ao fato de que Enoukidze, que era pessoalmente ligado a Tomski e visitava-o com freqüência tinha muita ascendência sobre a guarda do Kremlin. Ao mesmo tempo podíamos contar com a utilização da situação oficial de Rykov, que era presidente do Conselho dos Comissários do Povo. Havia também todo um conjunto de possibilidades legais e de trincheiras que facilitavam as ações criminosas e conspirativas de todo o tipo e podiam oferecer as condições necessárias segundo as quais fora concebida esta “revolução de palácio”. Isso remonta a 1929-1930 mais ou menos, mas naquele momento nós não tentamos a “revolução de palácio”, e nós não o fizemos, falando francamente, por duas razões essenciais: uma razão, mais ampla...

Vychinski – As razões pelas quais os senhores não a fizeram me interessam menos do que as razões pelas quais os senhores queriam fazer. Por que os senhores não fizeram, por que ela não se produziu, isso não interessa.

Bukharin – Está bem, não me deterei nisso, pois não é interessante.

Vychinski – O senhor já estava em 1933.

Bukharin – Se desejo deter-me em alguma questão é porque ela tem ligação com a preparação prática...

Vychinski – Está bem, fale-nos da preparação prática, em lugar de contar-nos porque esta ou aquela coisa não aconteceram. O que interessa à Corte é saber o que aconteceu e porquê.

Bukharin – Em toda a negação há uma afirmação, cidadão Procurador. Já dizia Espinosa que, no domínio da determinação...

Vychinski – Diga concretamente: como os senhores prepararam a tomada do poder, com a ajuda de quem, com quais meios e em nome de que objetivos e metas?

Bukharin – Dado que não fizemos a “revolução de palácio”, por motivos que não interessam aqui, orientamo-nos para uma sublevação kulak...

Vychinski – O que significa a expressão “revolução de palácio”? Trata-se de uma tomada direta do poder, por parte das forças de seu bloco? Compreendi direito?

Bukharin – Perfeitamente. Politicamente, pelas forças do bloco. E por que digo “revolução de palácio”? Significa pelas forças que, do ponto de vista organizativo, estavam concentradas no Kremlin.

Vychinski – Pelas forças que se colocassem a seu lado e não, absolutamente, pelas forças lotadas no Kremlin?

Bukharin – Perfeitamente.

Vychinski – Não seria melhor, então, falar não de uma “revolução de palácio” mas de uma tentativa de tomar o poder através de uma sublevação armada?

Bukharin – Não, falar de uma sublevação não é correto.

Vychinski – Por que não? Não queriam os senhores tomar o poder pelas armas?

Bukharin – A sublevação armada é uma ação de massas, enquanto aqui se trata de um movimento mais restrito...

Vychinski – De quais massas o senhor fala? Os senhores não tinham nenhuma massa.

Bukharin – Ou seja, não era uma sublevação.

Vychinski – Sublevação de um grupo?

Bukharin – Se o senhor prefere chamar de uma sublevação de um grupo, então pode ser.

Vychinski – Em todo o caso é mais justo do que fala em “revolução de palácio”, que deve acontecer em um palácio.

Bukharin – Quando digo “revolução de palácio” quero dizer...

Vychinski – Um grupo de conspiradores?

Bukharin – Exatamente.

Vychinski – Eu acho melhor chamar as coisas pelo seu verdadeiro nome. Diga-nos, como os senhores prepararam o grupo de conspiradores que tomaria o poder?

Bukharin – Isso remete ao período seguinte. Permita-me expor as coisas na ordem cronológica, como estão organizados os meus materiais: primeiro, a “revolução de palácio”, depois a passagem à sublevação e, enfim, a passagem da sublevação ao golpe de Estado propriamente dito.

Vychinski – Diga-nos qual era, sob este ponto de vista, a tarefa essencial do grupo de conspiradores?

Bukharin – Mesmo naquele período o objetivo essencial era a derrubada violenta do Governo Soviético.

Vychinski – Bem, diga-nos então como os senhores se prepararam para a derrubada violenta do Governo Soviético.

Bukharin – Na época já buscávamos a derrubada violenta do Governo, com a ajuda de um grupo de militares, participantes do complô.

Vychinski – Um grupo?

Bukharin – Sim.

Vychinski – De um grupo de participantes do complô?

Bukharin – Exato.

Vychinski – Nas pessoas de Tukhatchevski, Primakov e alguns outros?

Bukharin – Havia também o grupo de Enoukidze.

Vychinski – Já falamos deste grupo.

Bukharin – Foi exatamente isso. Por volta de 1931-1932, tendo mudado a conjuntura, a atenção principal voltou-se para o desenvolvimento do movimento insurrecional. A organização contra-revolucionária de direita, o centro dos direitistas à frente, provocou diversas revoltas kulak as quais, cidadão Procurador, já foram aqui abordadas, quando o senhor me interrogou sobre Yakovenko, Slepkov e outros.

Vychinski – Sob suas instruções diretas e sua direção?

Bukharin – Perfeitamente. Posso ainda citar um fato que não foi mencionado. Falo sobre meu próprio caso. Eu havia enviado Slepkov para preparar para preparar uma sublevação kulak em Kouban; Rykov tinha enviado ao Cáucaso Eismont, que travou relações com o direitista Pivovarov e com o trotskista Biéloborodov, que já foi citado durante a instrução judiciária. Além disso posso declarar que fui informado da sabotagem kulak como um estágio preliminar de formas de luta mais agudas por P. Petrovski e Zaitsev.

Vychinski – Já que o senhor mencionou Eismont, peço-lhe que nos dê explicações sobre suas ligações com os guardas brancos e os fascistas alemães.

Bukharin – Não compreendo ao que o senhor está se referindo.

Vychinski – Eu repito. Fale-nos de suas ligações, das ligações do antigo grupo de conspiradores com grupos de guardas brancos no estrangeiro e de fascistas alemães. A questão ficou clara?

Bukharin – Não estou a par. Em todo o caso, não me lembro.

Vychinski (a Corte) – Permitam-me interrogar Rykov. O senhor ouviu minha pergunta? O que pode dizer a respeito?

Rykov – Eu sabia, através de Pivovarov, que a União Cossaca, organizada sob direção, com o aconselhamento de Slepkov...

Vychinski – A União Cossaca de guardas brancos?

Rykov – Sim... Por intermédio de emigrantes retornados que faziam parte dos quadros desta organização contra-revolucionária, ela estava em contato com os demais emigrados cossacos no estrangeiro e, por tais ligações, os fascistas alemães os ajudavam.

Vychinski – Ou seja, o grupo de conspiradores do Cáucaso do Norte, pelo que o senhor soube de Pivovarov, estava em contato com a União Cossaca de guardas brancos no estrangeiro e com os fascistas alemães?

Rykov – Sim.

Vychinski – Acusado Bukharin, o senhor sabia? O senhor conhecia Pivovarov?

Bukharin – Eu não conhecia Pivovarov.

Vychinski – Quais eram as funções dele no Cáucaso do Norte?

Bukharin – Ele estava no comando do Poder Soviético.

Vychinski – Então o senhor sabia que ele era presidente do Comitê Executivo do território, no Cáucaso do Norte?

Bukharin – Eu sabia, mas não o conhecia pessoalmente.

Vychinski – Rykov sabia que Pivovarov dirigia, no Cáucaso do Norte, uma organização local de traidores, de contra-revolucionários, e que ele tinha ligações com elementos cossacos da guarda branca no estrangeiro. O senhor não sabia de nada?

Bukharin – Eu não contesto a possibilidade do fato, mas eu o ignorava.

Vychinski – Pivovarov estava, sim ou não, em ligação com elementos cossacos da guarda branca no estrangeiro?

Bukharin – Eu não posso negar. Posso simplesmente dizer, a título de suposição, que isso é possível, dado que nossa orientação visava à utilização de todas as forças.

Vychinski – Inclusive a dos guardas brancos.

Bukharin – Não estava excluída.

Vychinski – Para o senhor as coisas estão claras?

Bukharin – Que isso possa ter acontecido eu não nego, mas não consigo me lembrar com tanta precisão, não tenho nada na memória que me recorde de uma ligação com a União Cossaca de guardas brancos no estrangeiro.

Vychinski – Eu lhe pergunto: este fato, do qual falou Rykov, que havia sido informado como um dos dirigentes de sua organização, existiu?

Bukharin – Minha memória não guarda lembranças de tal fato. Mas, negar sua possibilidade, não posso. Mais ainda, e muito provável que a ligação tenha existido.

Vychinski – O senhor quer apresentar as coisas como se, do ponto de vista prático, o senhor não tivesse nada a ver com este crime.

Bukharin – Mas como, se eu enviei Yakovenko à Sibéria para organizar sublevações armadas dos kulaks, se eu enviei Slepkov ao Cáucaso do Norte com o mesmo objetivo?

Vychinski – Acusado Rykov, o fato era conhecido por Bukharin?

Vychinski – Acusado Rykov, o fato era conhecido por Bukharin?

Rykov – A iniciativa da organização de tal união, como dizia Pivovarov, partira de Slepkov, que havia sido enviado ao Cáucaso do Norte por Bukharin e que, suponho, tinha recebido dele instruções e diretivas precisas.

Vychinski – Assim, então, Slepkov foi enviado ao Cáucaso do Norte por iniciativa de Bukharin. Acusado Bukharin, o senhor confirma?

Bukharin – Enviei Slepkov como homem qualificado para organizar o movimento insurrecional. Mas ele, assumindo seu posto, após ter-se orientado na situação e após descobrir quais organizações existiam lá, pode tomar medidas à minha revelia.

Vychinski – O senhor assume a responsabilidade sobre estas ações criminosas, como dirigente da organização?

Bukharin – A responsabilidade eu assumo, incontestavelmente.

Vychinski – A responsabilidade pela ligação de sua organização com elementos cossacos da guarda branca e com fascistas alemães?

Bukharin – É minha, evidentemente.

Vychinski – O fato existiu?

Bukharin – Se os outros dizem que existiu, então é verdade.

Rykov – Eu afirmo categoricamente que a diretiva existiu, que Slepkov havia sido enviado ao Cáucaso do Norte porque ele tinha um papel importante e podia montar uma organização contra-revolucionária. Não sei se ele falou sobre isso com Bukharin, mas, de acordo com o que disse Pivovarov, a iniciativa tinha sido de Slepkov.

Vychinski – Por consequência, a ligação veio do lado de Bukharin?

Rykov – A idéia veio do lado de Bukharin.

Vychinski – A idéia, e a realização também?

Rykov – Slepkov encarregou-se.

Bukharin – Eu não nego ter enviado Slepkov. Eu o enviei para que ele se pusesse em contato com os círculos cossacos de guardas brancos.

Vychinski – Estava nos planos de sua direção?

Bukharin – Eu não tinha falado concretamente.

Vychinski – O senhor pretende ter ignorado a ligação que existia entre os fascistas alemães e os círculos cossacos de guardas brancos?

Bukharin – Eu ignorava.

Vychinski – Rykov conhecia a ligação, Slepkov conhecia também, mas o senhor a ignorava?

Bukharin – Eles saíram a campo.

Vychinski – Foi o senhor quem enviou Slepkov?

Bukharin – Sim, fui eu.

Vychinski – O senhor manteve contato com Slepkov, enquanto ele esteve atuando em campo?

Bukharin – Não.

Vychinski – O senhor falou com ele sobre sua atuação.

Bukharin – Mais tarde?

Vychinski – Sim, mais tarde.

Bukharin – Nós não conversamos detalhadamente.

Vychinski – Mas o senhor encontrou-se com ele?

Bukharin – Encontramo-nos uma vez.

Vychinski – Os senhores se encontraram uma vez, isto é o suficiente para saber que ele havia cumprido a função que o senhor lhe confiara?

Bukharin – Não, não falamos sobre isso.

Vychinski – Diga-nos, sobre o que conversaram?

Bukharin – Nós não conversamos muito.

Vychinski – O senhor enviou Slepkov para organizar uma sublevação. Slepkov a organizou; ele trabalhou neste sentido.

Bukharin – Ele não me deu um informe detalhado.

Vychinski – Estou perguntando se foi isso que aconteceu.

Bukharin – Fui eu quem o enviou.

Vychinski – Ele cumpriu a tarefa que o senhor lhe delegou?

Bukharin – Provavelmente sim.

Vychinski – Provavelmente?

Bukharin – Provavelmente.

Vychinski – E o senhor conversou com ele a respeito?

Bukharin – Já disse que o vi apenas uma vez.

Vychinski – Slepkov disse-lhe como ele havia cumprido a missão que o senhor lhe delegara?

Bukharin – Não me recordo que ele tenha falado muito sobre isso.

Vychinski – E porque o senhor disse que ele não falou detalhadamente?

Bukharin – Ele falou genericamente.

Vychinski – Genericamente ele falou?

Bukharin – Sim, ele falou de maneira geral.

Vychinski – Se ele falou de maneira geral, é porque ele falou sobre isso.

Bukharin – Sim, de maneira geral ele falou sobre o assunto.

Vychinski – Mas o senhor disse a pouco que ele não tinha falado.

Bukharin – Disse que ele não tinha falado detalhadamente.

Vychinski – Eu pergunto, acusado Bukharin, se o senhor enviou Slepkov para organizar sublevações kulaks de guardas brancos?

Bukharin – Sim.

Vychinski – Ele relatou como cumpriu a tarefa que o senhor tinha delegado?

Bukharin – Não, ele não contou como cumpriu a tarefa.

Vychinski – E como ele a cumpriu?

Bukharin – Ele me relatou que tinha tido problemas por lá.

Vychinski – Não uma sublevação, mas problemas?

Bukharin – A conversa foi rápida, sobre um outro assunto, na preparação da conferência de 1932.

Vychinski – O tema de suas conversas muda rapidamente, é claro.

O que me importa é saber se no Cáucaso do Norte existia, naquela época, uma parte de sua organização clandestina de direitistas.

Bukharin – Sim.

Vychinski – Então é um fato?

Bukharin – É um fato.

Vychinski – O senhor o conhecia?

Bukharin – É um fato.

Vychinski – Que o senhor enviou Slepkov para lá, para manter relações com esta organização. Que Slepkov fazia um trabalho neste sentido, do qual o senhor nos falou... É um fato?

Bukharin – É fato.

Vychinski – Que lá houve um motim kulak. É fato?

Bukharin – É fato.

Vychinski – Que isto estava relacionado com as atividades dele? É fato?

Bukharin – Sim, é fato.

Vychinski – Que estava relacionado à sua atividade, é fato?

Bukharin – É fato.

Vychinski – Prossigamos. Sabe-se que tal grupo do Cáucaso do Norte mantinha ligações com os círculos cossacos de emigrados brancos... Este é um fato, sim ou não?

Bukharin – Mas eu já disse que não posso negar tal fato, cidadão Procurador.

Vychinski – Acusado Bukharin, é fato, sim ou não, que um grupo de seus cúmplices, no Cáucaso do Norte, estava em ligação com os círculos cossacos de emigrados brancos no estrangeiro? Este é um fato concreto, sim ou não? Rykov diz que sim, Slepkov também.

Bukharin – Se Rykov diz, não tenho razões para não acreditar.

Vychinski – O senhor não pode me responder sem filosofia?

Bukharin – Não é filosofia.

Vychinski – Sem floreios filosóficos?

Bukharin – Mas eu não declarei que eu tinha explicações sobre isso?

Vychinski – Responda-me: “não”.

Bukharin – Eu não posso dizer “não” e não posso afirmar que isso não tenha acontecido.

Vychinski – Ou seja, nem “sim”, nem “não”?

Bukharin – De forma nenhuma. Existem fatos que existem, sem por isso estarem na consciência de um homem. É o problema da realidade do mundo exterior. Eu não sou um solipsista.

Vychinski – Então, independente da questão de saber se este fato estava ou não na sua consciência, o senhor o conhecia, como conspirador e como dirigente?

Bukharin – Eu não o conhecia.

Vychinski – Não?

Bukharin – Mas posso responder à pergunta: dado que a coisa figurava no plano geral, eu a tenho por provável, e dado que Rykov a afirmou, eu não tenho nenhum motivo para negá-la.

Vychinski – Por consequência, é um fato.

Bukharin – Do ponto de vista da probabilidade matemática, podemos dizer que há uma grande probabilidade de que seja um fato.

Vychinski – O senhor simplesmente não sabe responder.

Bukharin – Tampouco: “O senhor não sabe”, mas há questões às quais não se pode responder simplesmente “sim” ou “não”. Isto é lógica elementar, o senhor sabe perfeitamente.

Vychinski – Permitam-me interrogar ainda Rykov. Bukharin conhecia ou não o fato?

Rykov – Eu não contei a ele.

Vychinski – Bukharin o conhecia, sim ou não?

Rykov – Pessoalmente, acho que existia uma probabilidade matemática que ele conhecesse.

Vychinski – Está claro. Acusado Bukharin, o senhor sabia que Karakhan fazia parte do grupo de conspiradores direitistas e trotskistas?

Bukharin – Sabia.

Vychinski – E sabia também que Karakhan era espião alemão?

Bukharin – Não, não sabia.

Vychinski (a Rykov) – E o senhor, acusado Rykov, sabia que Karakhan era espião alemão?

Rykov – Não, não sabia.

Vychinski – E que Karakhan mantinha conversações com certos círculos alemães? O senhor sabia?

Rykov – Conversações sobre o centro dos direitistas?

Vychinski – Sim, Evidentemente, sobre o centro de direitistas.

Rykov – Sim, sim.

Vychinski – Conversações sobre traição?

Rykov – Sim, sobre traição.

Vychinski – Com quem ele conversava? Com qual instituição?

Rykov (não responde)

Vychinski – Ah!

Rykov – Isso eu não sei.

Vychinski – E no caso, diga-nos, do que tratavam estas conversações?

Rykov – Sobre a atitude desses círculos com relação aos direitistas, com relação a um golpe de Estado de parte dos direitistas.

Vychinski – Com quais círculos?

Rykov – Ele mantinha as conversações com os círculos governamentais alemães.

Vychinski – Houve conversações sobre a organização da derrota da URSS, sim ou não?

Rykov – Isto eu ignoro.

Vychinski – Então gostaria de lembrar a Rykov as declarações que ele fez à instrução prévia, t. 1, f. 112. “Por conseguinte, no sentido da preparação da derrota da URSS, o grupo de Tukhatchevski, parte constituinte de nossa organização, não agia sozinho. Toda a nossa orientação internacional e as conversações de Karakhan preparavam esta derrota”. Está correto?

Rykov – Correto.

Vychinski – O que significa?

Rykov – Eu não entendia por derrota o seu sentido direto. Eu queria dizer que se um grupo de conspiradores de um país qualquer trava conversações com o inimigo, a simples existência das conversas deve por ele mesmo, primeiramente, contribuir na aceleração da declaração de guerra – o inimigo atacará tanto mais rápido quanto maior for o apoio que ele encontre no interior do país; em segundo lugar, a capacidade defensiva de um país, além da capacidade de ataque, mudam proporcionalmente, quer dizer, a defesa se debilita e a agressão se reforça.

Vychinski – Assim, o fato aconteceu?

Rykov – Sim.

Vychinski – E ainda: “No que concerne à nossa orientação internacional, nós partíamos do princípio de que era necessário receber apoio de parte da burguesia internacional; e nós vinculamos nossa atividade e o sucesso de nosso trabalho contra-revolucionário a um apoio direto da parte do fascismo”. Entre parênteses está dito: “conversações de Karakhan”. Pode-se tirar a conclusão que Karakhan travava, com o seu conhecimento, conversações com os círculos fascistas a propósito de um apoio a ser dado a suas atividades de traição, sob condições específicas. Está certo isso?

Rykov – Sim.

Vychinski – E as condições, quais eram?

Rykov – Primeiro, toda uma série de concessões econômicas, e segundo, o que chamam desmembramento da URSS.

Vychinski – Quer dizer?

Rykov – Quer dizer a alienação de Repúblicas nacionais, que seriam colocadas sob protetorado ou sob a dependência, formalmente não sob a dependência, mas, efetivamente, sob a dependência...

Vychinski – Ou seja, concessões territoriais?

Rykov – Evidentemente.

Vychinski – Em nome de seu bloco, Karakhan pensava em ceder aos alemães uma parte do território da URSS?

Rykov – As coisas não foram bem assim.

Vychinski – Eu falo da significação destas concessões.

Rykov – De minha parte, não encontrei com Karakhan; sei destas coisas por tê-las ouvido de Tomski, que as expôs na minha presença e na presença de Bukharin.

Vychinski – Então Bukharin também sabia? Deixe-me interrogar Bukharin. O senhor sabia?

Bukharin – Sim, sabia.

Rykov – Foi-nos exposto da seguinte maneira: os fascistas alemães aceitavam as condições, isto é, vantagens do ponto de vista de concessões, tratados de comércio, etc., mas, de sua parte, eles exigiam que fosse reservado às Repúblicas nacionais o direito de separarem-se livremente.

Vychinski – E o que isso significa?

Rykov – Isto é diferente do que nós propusemos. Era uma reivindicação nova dos alemães. Isto significa, evidentemente, na língua dos negócios, o desmembramento da URSS.

Vychinski – Quer dizer que uma parte da URSS deveria ser entregue aos alemães?

Rykov – Evidentemente.

Vychinski – Então o senhor não ignorava que Karakhan travava, com o seu conhecimento, conversações com interlocutores alemães para entregar uma parte de URSS. Qual parte, exatamente?

Rykov – Isso não foi discutido.

Vychinski – Seu plano previa a entrega da Ucrânia em favor dos alemães, sim ou não?

Rykov – De minha parte, não posso dizer nada sobre a Ucrânia, repito que isto não é porque fôssemos contra a entrega da Ucrânia.

Vychinski – Pela entrega, então? A favor ou contra a entrega?

Rykov – Simplesmente não foi discutida a entrega da Ucrânia, a questão não chegou a ser colocada.

Vychinski – O senhor ouviu falar da alienação da Ucrânia em favor do fascismo alemão?

Rykov – Esta formulação é mais correta.

Vychinski – Não a formulação, mas praticamente?

Rykov – Praticamente, poderia ser colocada a questão da Bielo-Rússia.

Vychinski – Mas e sobre a Ucrânia?

Rykov – Não. Não poderíamos decidir esta questão sem o consentimento das organizações contra-revolucionárias da Ucrânia.

Vychinski – Dirijo-me, então, ao acusado Bukharin. Em 1934 o senhor manteve, a este respeito, conversações com Radek?

Bukharin – Conversações não, apenas encontros.

Vychinski – Se o senhor prefere, encontros. Manteve ou não?

Bukharin – Sim, mas não sobre este assunto.

Vychinski – Sobre qual assunto?

Bukharin – Radek informou-me sobre as conversações que ele manteve com Trotski; disse-me que Trotski mantinha conversações com os fascistas alemães sobre concessões territoriais, em troca de uma ajuda às organizações contra-revolucionárias.

Vychinski – É isso, é isso.

Bukharin – Naquele momento, fiz objeções a Radek.

Vychinski – Radek lhe disse que, segundo a orientação de Trotski, era preciso ceder, entregar a Ucrânia aos alemães?

Bukharin – Lembro-me perfeitamente que foi colocada a questão da Ucrânia.

Vychinski – Foi-lhe dito, sim ou não?

Bukharin – Sim.

Vychinski – E sobre o Extremo-Oriente?

Bukharin – Lembro-me bem da discussão sobre a Ucrânia. Falamos também sobre outras regiões, das quais não me lembro mais.

Vychinski – O senhor disse em suas declarações: “... que Trotski, insistindo sempre no terrorismo, considera, entretanto, que a principal possibilidade do bloco alcançar o poder é a derrota da URSS, em uma guerra com a Alemanha e com o Japão, derrota que implicaria concessões territoriais (Ucrânia aos alemães, Extremo-Oriente aos japoneses).”

Está correto?

Bukharin – Sim.

Vychinski – É isso o que se chama concessões.

Bukharin – Eu não estava de acordo.

Vychinski – Mais adiante está dito: “Eu não me opunha à idéia de um entendimento com a Alemanha e com o Japão, mas eu não estava de acordo na questão das dimensões.”

Bukharin – Leia também a frase seguinte, ela fala das dimensões e do caráter.

Vychinski – Eu já li, quero falar sobre isso.

Bukharin – Eu disse que era contra concessões territoriais.

Vychinski – Quero falar sobre isso mesmo assim. Então Radek disse-lhe que Trotski havia dado instruções de ceder a Ucrânia à Alemanha? Foi o que ele lhe disse?

Bukharin – Ele disse, mas eu não levei em consideração.

Vychinski – Rykov ficou sabendo do encontro, sim ou não?

Rykov – Para quem é a pergunta?

Vychinski – Para Bukharin.

Bukharin – Não lembro se contei a Rykov.

Pág. 7 Vychinski – E Rykov?

Rykov – Ele não me contou.

Vychinski – Por conseguinte o senhor não tinha conhecimento do encontro de Bukharin com Radek? (Rykov se cala) A conversa dele teve caráter privado?

Rykov – De quem?

Vychinski – De Radek. Acusado Bukharin, qual foi o caráter da conversa? Que posto o senhor ocupava na ocasião?

Bukharin – Não se trata de posto.

Vychinski – Que posto o senhor ocupava?

Bukharin – Eu era diretor da Izvestia.

Vychinski – O senhor encontrou-se com Radek como diretor da Izvestia ou como membro da organização de conspiradores?

Bukharin – O senhor sabe perfeitamente que conversei com ele na condição de membro da organização de conspiradores.

Vychinski – Rykov e Tomski formavam então o centro e o senhor, em tais condições, o senhor não falou nada sobre o encontro com Radek?

Bukharin – Perdão, quero responder à pergunta. Mas não posso, a cada questão, responder com uma só palavra: falta-me capacidade.

Nós tomávamos precauções de conspiradores para vermo-nos, dado que nós não nos encontrávamos quase nunca, falávamos raramente, aproveitando um encontro nos corredores, na rua, etc. É possível que eu não tenha lhe falado sobre a conversa. Não digo isso para proteger Rykov, isso se explica pelas práticas conspiratórias que existiam na organização dos direitistas.

Vychinski – O senhor nega ter comunicado a Rykov este seu importante encontro com Radek? O senhor não o comunicou sobre esta conversa tão séria com Radek?

Bukharin – Cidadão Procurador, eu não considerava as instruções de Trotski como obrigatórias para todos nós.

Vychinski – Não falo das instruções, falo da conversa.

Bukharin – Não me lembro, e é por isso que não posso dizer se eu o comuniquei. Eu não me recordo.

Vychinski – O senhor não nega, mas também não se recorda. Vou perguntar a Rykov.

Acusado Rykov, de que partes da URSS se tratavam quando se falava de seu desmembramento?

Rykov – Depois de Tolski ter-nos exposto as reivindicações complementares dos fascistas alemães para os direitistas nós, na essência, no conjunto, aceitamos a proposição.

Vychinski – E qual o teor da proposição? Quais partes da URSS?

Rykov – Quais repúblicas, quais partes, não discutimos concretamente.

Vychinski – O senhor declarou à instrução prévia e aqui, neste processo, que Karakhan havia entabulado negociações com os fascistas alemães a propósito de uma ajuda a ser dada ao seu complô. Isto é fato, sim ou não?

Rykov – Sobre uma ajuda ao complô? Se entendermos por isso a ajuda política, então se tratava de uma atitude favorável com relação ao complô.

Vychinski – Em troca do quê?

Rykov – Eu já disse.

Vychinski – De concessões territoriais. A qual parte da URSS se referia?

Rykov – Nós não estabelecemos.

Vychinski – Os senhores não precisaram?

Rykov – Não, não precisamos.

Vychinski – Mas o senhor, em particular, tinha em mente alguma parte da URSS ou não, ou falava em geral, de maneira abstrata?

Rykov – O que aconteceu eu já disse.

Vychinski – Ou seja?

Rykov – Nós aceitamos as condições favoráveis à atividade prática do centro de direitistas. Isso era realizado trabalhando no sentido concernente à Bielo-Rússia.

Vychinski – Assim, então, os alemães se preocupavam com a Bielo-Rússia em benefício de quem?

Rykov – Com o que se preocupavam os alemães eu não posso dizer.

Vychinski – Eles se preocupavam em saber a quem os senhores dariam a Bielo-Rússia. Não era aos alemães?

Rykov – Aos poloneses.

Vychinski – E aos alemães? Deduz-se que os alemães faziam gestões em favor de quem? Dos poloneses? Os alemães prestavam-lhes serviços e os senhores, em troca, davam a Bielo-Rússia aos poloneses? O senhor coloca os alemães em uma situação ridícula.

Rykov (se cala).

Vychinski – Volto à primeira questão. Por conseguinte, Karakhan entabulou conversações com os alemães. Aparentemente, com o conhecimento do bloco? Bukharin estava informado?

Rykov – Tomski nos havia informado, a mim e a Bukharin.

Vychinski – Então Bukharin sabia.

Acusado Bukharin, o senhor estava informado?

Bukharin – Cidadão Procurador, eu já disse duas vezes que eu estava sabendo.

Vychinski – O senhor aprovou isso?

Bukharin – O que quer dizer exatamente “isso”?

Vychinski – O que o senhor já disse duas vezes?

Bukharin – Não aprovei. Na instrução prévia eu expliquei em detalhes que Karakhan...

Vychinski – O senhor aprovou?

Bukharin – Eu fui colocado diante do fato consumado, porque Karakhan...

Vychinski – O senhor aprovou as conversações de Karakhan com os fascistas alemães?

Bukharin – Cidadão Procurador, afirmo que este era um fato político.

Vychinski – O senhor aprovou as conversações que Karakhan manteve, em nome do bloco, com os fascistas alemães?

Bukharin – Em geral, com relação às conversações... eu aprovei, isto é, eu considerava como úteis...

Vychinski – Não em geral, mas as conversações mantidas por Karakhan?

Bukharin – Eu já expliquei, cidadão Procurador, que as coisas aconteceram de tal maneira que Karakhan partiu sem uma decisão prévia da direção e ele voltou...

Vychinski – O senhor tinha conhecimento de que Karakhan travava conversações com os fascistas alemães?

Bukharin – Eu sabia, por Tomski e pelo próprio Karakhan...

Vychinski – Estas conversações, o senhor aprovou?

Bukharin – Acaso as desautorizei? Eu não as desautorizei, por conseguinte, as aprovei.

Vychinski – Eu lhe pergunto: o senhor as aprovou, sim ou não?

Bukharin – Eu repito, cidadão Procurador: a partir do momento em que eu não as desautorizei, eu as aprovei.

Vychinski – Portanto o senhor as aprovou.

Bukharin – Se eu não as desautorizei, então eu as aprovei.

Vychinski – É o que eu lhe pergunto: portanto o senhor as aprovou.

Bukharin – “Então” equivale a “portanto”.

Vychinski – Portanto?

Bukharin – Portanto eu as aprovei.

Vychinski – E o senhor diz que foi informado posteriormente?

Bukharin – Mas uma coisa não contradiz a outra em nada.

Vychinski – Permitam-me interrogar o acusado Rykov.

Presidente – Por favor.

Vychinski – Acusado Rykov, Karakhan entabulou estas conversações por iniciativa própria?

Rykov – Ele o fez sob a direção, a iniciativa de Tomski, mas Bukharin e eu aprovamos a iniciativa quando fomos informados das conversações.

Vychinski – Os senhores aprovaram não apenas o fato das conversações, mas também a iniciativa, quer dizer, toda a empreitada, em seu conjunto?

Rykov – Nenhum de nós dois é criança. Se não aprovamos algo, é preciso combatê-lo. Nestas questões não podemos alegar neutralidade.

Vychinski – Assim podemos estabelecer que, com o conhecimento de Bukharin, Karakhan estabeleceu conversações com os fascistas alemães. Acusado Rykov, o senhor confirma?

Rykov – Sim.

Bukharin – O que quer dizer “com o conhecimento de Bukharin”? Eu ignorava a sua partida.

Vychinski – O senhor ignorava a partida dele, mas não falo disso. O senhor não ignorava qual era a iniciativa...

Bukharin – Tenho cá minhas dúvidas.

Vychinski – Dúvidas? Vejo que sua situação o obriga a duvidar de coisas muito claras.

Bukharin – É possível.

Vychinski – O acusado Rykov acaba de declarar perante a Corte, em sua presença, que Karakhan engajou-se nas conversações com os alemães não por iniciativa própria, mas pela de Tomski...

Bukharin – Mas na ocasião nem Rykov nem eu estávamos informados...

Vychinski – Mas mais tarde, quando foram informados, os senhores aprovaram?

Bukharin – Rykov já disse aqui que, em tais casos, não existe neutralidade: se você não combateu, então você aprovou. Ora, é uma paráfrase daquilo que eu havia dito: se eu não desautorizei, é porque aprovei.

Vychinski – Assim, acusado Bukharin, o senhor assume a responsabilidade sobre estas conversas de Karakhan com os alemães?

Bukharin – Incontestavelmente.

Vychinski – As conversações sobre a preparação da derrota.

Bukharin – A questão não havia sido colocada nestes termos.

Vychinski – Sobre uma ajuda que seria oferecida aos senhores?

Bukharin – A propósito de uma ajuda, em geral... Eu falei de neutralização...

Vychinski – Rykov já lhe explicou.

Bukharin – Ele deu explicações à Corte, e não a mim, me parece.

Vychinski – Ele explicou que o simples fato de manter conversações com o adversário já significa ajudá-lo.

Bukharin – Neste sentido sim, mas eu faço uma distinção: do ponto de vista jurídico a questão não se coloca assim, pois...

Vychinski – Em que eles deveriam lhes ajudar? A fazer o complô triunfar?

Bukharin – Durante o complô, poderia acontecer uma intervenção alemã, genericamente, contra nós...

Vychinski – Quer dizer que eles deveriam ajudá-los a manter-se no poder?

Bukharin – Era preciso neutralizá-los e, da mesma maneira, ajudar-nos a manter o poder.

Vychinski – Por meio de certas concessões?

Bukharin – Sim.

Vychinski – O acusado Rykov disse que naquela época estava em questão a entrega da Bielo-Rússia. Eu entendi direito?

Bukharin – Eu vejo a questão por um ângulo completamente diferente.

Rykov – Tomski nos informou que os alemães haviam dito a Karakhan que, além de concessões econômicas, os fascistas alemães insistiam para que o direito de se separar fosse dado às Repúblicas Nacionais. Nós entendemos logo e interpretamos a coisa desta maneira, que se tratava do desmembramento da URSS.

Vychinski – Quer dizer entregar a Bielo-Rússia?

Rykov – Rapidamente, de uma maneira geral e até onde me lembro (tais coisas eram sabidas e são difíceis de esquecer), a fórmula geral foi aceita por nós.

Vychinski – “Nós” quem?

Rykov – Eu, Bukharin e Tomski.

Vychinski – Está correto, acusado Bukharin?

Bukharin – Não exatamente. Não se tratava da Bielo-Rússia, mas da Ucrânia.

Vychinski – Ora, ora, agora o senhor fala da Ucrânia. Agora o senhor fala da Ucrânia. Entretanto até o momento não havia sido tratada a questão da Bielo-Rússia.

Bukharin – O senhor não havia perguntado sobre isso, de maneira que, de minha parte não há, logicamente, nenhuma contradição.

Vychinski – Permitam-me apresentar ao acusado Rykov suas declarações, tomo I, folha 119: “Devo, no entanto, declarar que a questão da orientação em direção à Polônia, relativa a um apoio, assegurado da parte deles, no caso de chegarmos ao poder, havia sido colocada antes, a saber, em 1930-1931.” O senhor confirma?

Rykov – Sim.

Vychinski – Acusado Bukharin, o senhor confirma?

Bukharin – Eu ignoro, não me lembro.

Vychinski – Acusado Rykov, a que o senhor se referia quando levantou esta questão?

Rykov – Tratava de minhas relações com os representantes da organização bielo-russa.

Vychinski – E com Bukharin, o senhor examinou o assunto?

Rykov – Eu não posso afirmar.

Vychinski – Então me permita ler suas declarações posteriores: “Naquele período esta questão foi objeto de uma troca de impressões entre mim, Bukharin, Tomski, de uma parte”, etc. Assim eu lhe pergunto: a questão foi examinada com Bukharin?

Rykov – A questão a que me referia era o acordo com a organização contra-revolucionária da Bielo-Rússia. Talvez eu não tenha me expressado com precisão, mas era o que eu tinha em mente.

Vychinski – O senhor tinha em mente, ao que parece, o que todos os senhores tinham em mente. Aqui está dito claramente que a aproximação com os poloneses havia sido examinada em 1930-1931. E, mais adiante, está dito: “naquele período”, quer dizer, o mesmo período, a mesma questão, ou seja, a aproximação com os poloneses.

Rykov – Não foi o que eu quis dizer, talvez alguma palavra...

Vychinski – Aqui cada palavra joga um papel importante.

Rykov – Certamente.

Vychinski – Está dito claramente: naquele período, aquela questão, ou seja, a questão referida anteriormente, a aproximação com a Polônia. Leia, por favor.

(As declarações feitas por Rykov à instrução prévia são apresentadas a ele)

Rykov – Aqui está dito: “naquele período, esta questão...”, o que reporta a toda a alínea precedente e não à última frase da alínea.

Vychinski – Leio mais, então: “A fórmula geral sobre a qual chegamos a um acordo resumia-se a seguinte: que na negociação com os poloneses, com os quais a ligação havia sido restabelecida na ocasião por intermédio de Tcherviakov, nós aceitaríamos que a República Soviética da Bielo-Rússia fosse desmembrada da URSS”.

Isto é exato? Os senhores examinaram esta questão?

Rykov – Eu a examinei com Golodied e Tcherviakov; eles estavam sabendo do assunto.

Vychinski – Eles estavam sabendo? E Bukharin, estava sabendo também?

Bukharin – Eu não encontrei com Tcherviakov.

Vychinski – Eu não perguntei se o senhor encontrou-se com ele. Eu falo de Rykov. Eu apresentei três excertos de suas declarações. Primeiro: “Devo, no entanto, declarar que a questão da orientação em direção à Polônia, relativa a um apoio, assegurado da parte deles, no caso de chegarmos ao poder, havia sido colocada antes, a saber, em 1930-1931.” Segundo: “Naquele período (ou seja, no período de 1930-1931) esta questão (ou seja, a questão da qual tratou anteriormente, a questão da aproximação com a Polônia) foi objeto de uma troca de impressões entre mim, Bukharin, Tomski, de uma parte e do antigo presidente do Comitê Executivo Central da Bielo-Rússia, Tcherviakov. Tcherviakov é um

participante disfarçado, mas extremamente ativo da organização de direitistas desde 1928”. Terceiro: “A fórmula geral sobre a qual chegamos a um acordo resumia-se a seguinte: que na negociação com os poloneses, com os quais a ligação havia sido restabelecida na ocasião por intermédio de Tcherviakov, nós aceitaríamos que a República Soviética da Bielo-Rússia fosse desmembrada da URSS”.

O senhor confirma?

Rykov – Sim.

Vychinski – Acusado Bukharin, o senhor estava a par disso tudo?

Bukharin – Em 1930 a questão não poderia estar colocada. Hitler ainda não estava no poder na época.

Vychinski – Mas a questão estava colocada. A história de sua traição não começa com Hitler.

Bukharin – É verdade

Vychinski – Em 1930-1931 o senhor teve um encontro com Rykov e Tomski?

Bukharin – Eu não me lembro.

Vychinski – Rykov declarou que tais encontros aconteceram. Eu pergunto: aconteceram ou não?

Bukharin – E eu respondo que não me lembro. Eu tenho o direito de dizer perante a Corte não o que o senhor deseja, mas o que aconteceu, na realidade.

Vychinski – E é isso que eu lhe pergunto.

Bukharin – Eu tenho o direito de dizer à Corte, e digo: eu não me lembro.

Vychinski – O senhor não se lembra? Acusado Rykov, o que o senhor nos diz?

Rykov – A primeira comunicação sobre o assunto foi feita por Tomski; dizia respeito a Tcherviakov, que o estava visitando em sua casa de campo. Depois da comunicação de Tomski examinamos, entre os três, a questão. E a proposição sobre o contato a ser estabelecido com a organização contra-revolucionária Bielo-Russa foi aceita. Com certeza estes fatos se deram em presença de Bukharin.

Vychinski – Se eles ocorreram na presença de Bukharin, então ele estava a par.

Permitam-me dirigir-me a Charangovitch, um dos dirigentes da organização clandestina da Bielo-Rússia. O que tem a dizer sobre o assunto, acusado Charangovitch?

Charangovitch – Golodied e Tcherviakov haviam informado nossa organização desta orientação como um fato consumado. E devo dizer que nas reuniões sobre o assunto, Tomski não era nem citado: era assunto apenas de Rykov e Bukharin. Tcherviakov tinha numerosas reuniões com Bukharin e, depois delas, ele não apenas me informava como também informava nossa organização, na conferência do centro, referindo-se a Bukharin e a Rykov.

Vychinski – Sigo com a resposta de Rykov à instrução prévia: “Algumas variantes foram analisadas, e falavam justamente disso. Essa compensação à Polônia, pensávamos em realizá-la conforme as condições de nossa ascensão ao poder, em tempos de guerra. Os fatores que provocavam a guerra, a agressão dos Estados imperialistas (Polônia e Alemanha), a guerra que nós organizávamos para chegar ao poder, este fator nós o agravávamos e estimulávamos por todos os meios em toda a nossa atividade prática”. O senhor confirma suas declarações?

Rykov – Eu as confirmo.

Vychinski – A quem o senhor se referia?

Rykov – Eu me referia ao centro dos direitistas.

Vychinski – Quem pessoalmente?

Rykov – Já falei diversas vezes.

Vychinski – Gostaria que o senhor não se acanhasse e falasse novamente.

Rykov – Eu me referia a Bukharin. O centro era composto por três pessoas: Bukharin, Tomski e eu, ou seja, as declarações referem-se também a Bukharin.

Vychinski – Por conseguinte, tudo aquilo se refere também a Bukharin?

Rykov – Evidentemente.

Vychinski – Acusado Bukharin, o senhor confirma?

Bukharin – Em geral, o centro tinha esta orientação.

Vychinski – O trecho seguinte da resposta de Rykov, página 120: “Tcherviakov desenvolveu na Bielo-Rússia um trabalho extremamente ativo em suas relações bilaterais com os poloneses. Ele mantinha ligações com eles, no plano da atividade ilegal. Ele havia levado às últimas conseqüências as nossas instruções”. O senhor confirma, acusado Rykov?

Rykov – Evidentemente.

Vychinski – Por conseguinte, Tcherviakov e aqueles que estavam ligados a vocês estavam em contato permanente com os poloneses?

Rykov – Sim.

Vychinski – Conforme suas instruções?

Rykov – Sim.

Vychinski – E estas não são relações de espionagem?

Rykov – Não.

Vychinski – De que tipo, então?

Rykov – Havia também relações de espionagem.

Vychinski – Foi sob suas instruções que em uma parte de sua organização foram estabelecidas relações de espionagem com os poloneses?

Rykov – Certamente.

Vychinski – Relações de espionagem?

Rykov – Certamente.

Vychinski – Inclusive Bukharin?

Rykov – Certamente.

Vychinski – O senhor e Bukharin eram ligados?

Rykov – Evidentemente.

Vychinski – Então ambos eram espiões?

Rykov (se cala).

Vychinski – E organizadores da espionagem?

Rykov – Eu não valho mais do que um espião

Vychinski – O senhor era organizador da espionagem, era um espião?

Rykov – Pode-se dizer que sim.

Vychinski – Pode-se dizer que o senhor era um espião. Eu pergunto se o senhor organizou a ligação com o serviço de espionagem polonês e com círculos correspondentes de espionagem. O senhor se reconhece culpado de espionagem?

Rykov – Tratando-se da organização, neste caso, naturalmente, eu me reconheço culpado.

Vychinski – Acusado Bukharin, o senhor se reconhece culpado de espionagem?

Bukharin – Eu não me reconheço culpado.

Vychinski – Mas o que disse Rykov, o que disse Charangovitch?

Bukharin – Eu não me reconheço culpado.

Vychinski – Na época em que foi criada a organização dos direitistas na Bielo-Rússia, o senhor a dirigiu; o senhor reconhece isso ou não?

Bukharin – Eu já lhe falei.

Vychinski – Eu perguntei se o senhor reconhece ou não.

Bukharin – Eu não me interessava pelos assuntos da Bielo-Rússia.

Vychinski – O senhor se interessava por assuntos de espionagem?

Bukharin – Não.

Vychinski – Quem se interessava, então?

Bukharin – Eu não recebia nenhuma informação sobre atividades deste gênero.

Vychinski – Acusado Rykov, Bukharin estava informado de tais atividades?

Rykov – Entre nós dois não houve conversas sobre o assunto.

Vychinski – Como assim? E a conversa que tiveram sobre as relações de espionagem entre a organização da Bielo-Rússia e os poloneses?

Rykov – Nós não destacamos que a ligação visava especialmente à espionagem.

Vychinski – Eu falo do principal, da essência.

Rykov – É inevitável que, nestas condições, toda a relação com os poloneses, e isto é compreensível por todos, transforme-se automaticamente e muito rapidamente em uma relação de espionagem.

Vychinski – Ela não apenas deveria se transformar, mas ela já havia se transformado?

Rykov – Certamente.

Vychinski – Sob sua direção?

Rykov – Tal transformação não se deu sob nossa direção imediata, mas não se trata de direção imediata – trata-se de direção geral. Está totalmente claro que nós devemos responder por isso.

Vychinski – O senhor não precisa fazer cara de quaresma, acusado Bukharin. É preciso confessar o que aconteceu, e o que aconteceu foi o seguinte: os senhores tinham um grupo de cúmplices, de insurgentes na Bielo-Rússia; o grupo era dirigido por Golodied, Tcherviakov, Charangovitch. Correto ou não, senhor Charangovitch?

Charangovitch – Perfeitamente.

Vychinski – E foi sob a direção de Bukharin e de Rykov, sob a direção deles que os senhores puseram-se em contato com o serviço de espionagem polonês e com o estado-maior polonês? Está correto, acusado Charangovitch?

Charangovitch – Está correto.

Vychinski – E a propósito de relações de espionagem, sob sua direção. É isso ou não, senhor Charangovitch?

Charangovitch – Exatamente.

Vychinski – Por conseqüência, quem era o organizador da espionagem da qual os senhores se ocupavam?

Charangovitch – Rykov, Bukharin.

Vychinski – O que quer dizer que eles eram espões?

Charangovitch – Perfeitamente.

Vychinski – Assim como...

Charangovitch – Assim como eu mesmo.

Vychinski – Sente-se. (dirigindo-se a Rykov) Acusado Rykov, em 1932 Golodied lhe disse que todas as nomeações para cargos de alguma importância na Bielo-Rússia eram previamente combinadas com o serviço de espionagem polonês?

Rykov – Sim.

Vychinski – Bukharin sabia disso?

Rykov – Eu não sei dizer.

Vychinski – O senhor não sabe? Ou o senhor não quer denunciar o seu caro amigo?

Rykov – Não, quando sei que ele não diz a verdade eu o denuncio, mas sobre o que eu não sei, não posso e não vou falar.

Vychinski – Eu o interrogo sobre as nomeações aos postos de comando na Bielo-Rússia com o consentimento dos poloneses. O centro dirigente de vocês sabia ou não?

Rykov – Eu sabia. Quanto a Bukharin, não falei com ele sobre isso. Eu sabia também que, além de mim, Tcherviakov e Golodied mantinham contato com Bukharin e Tomski. Se falaram disso a Bukharin ou não, eu não sei dizer, pois não estava presente nas conversas.

Vychinski – O senhor acredita que seria natural que Golodied falasse sobre isso com Bukharin ou ele se calaria?

Rykov – Acho que seria natural que ele falasse, mas sobre o que eles efetivamente falaram, eu ignoro.

Vychinski – Quero agora lhe perguntar a título de suposição. O senhor supõe que Bukharin foi informado ou não?

Rykov – Nestas circunstâncias... Eu prefiro falar unicamente daquilo que eu sei. Sobre o que eu não sei, minha situação nesta sala não me permite emitir suposições.

Vychinski – O senhor conversou com Bukharin sobre os assuntos da conspiração na Bielo-Rússia?

Rykov – O único encontro do qual eu me lembro – talvez tenham acontecido outros, mas não me lembro – teve lugar na primeira etapa de nossas relações, que haviam começado depois da informação de Tomski.

Vychinski – Perdão, mas o senhor disse que, mesmo no período de 1931, o senhor várias vezes conversou com Bukharin sobre tais questões. Posso lembrá-lo de suas declarações nas páginas 119-120.

Rykov – Nós conversamos, mas não unicamente sobre isso que o senhor perguntou.

Vychinski – O senhor conversou diversas vezes com Bukharin?

Rykov – Sobre a existência de uma organização na Bielo-Rússia, sobre o trabalho que já haviam feito...

Vychinski – Qual trabalho?

Rykov – O trabalho contra-revolucionário com vistas a apoiar nossa...

Vychinski – Entre os quais o trabalho de espionagem?

Rykov – Eu não lembro de encontros específicos sobre o trabalho de espionagem, É possível que eles tenham acontecido, mas não lembro.

Vychinski – Diga-me, por favor, os poloneses deram instruções sobre o trabalho de sabotagem no domínio da defesa?

Rykov – Eu conheço dois casos. O senhor já me fez esta pergunta na penúltima sessão. Eu indiquei dois casos que conhecia: sobre os cavalos e sobre a construção de estradas. O senhor perguntou: por que a construção de estradas? Eu respondi: provavelmente para colocar obstáculos ao avanço de nossas tropas.

Vychinski – Bukharin tinha conhecimento? Ele conhecia as instruções dadas pelo serviço de espionagem polonês sobre a obstrução e a destruição de nossa capacidade de defesa?

Rykov – A tal questão, como às precedentes, não posso responder.

Vychinski – A propósito da atividade de traição do espião polonês Oulianov, o senhor tinha conhecimento?

Rykov – Tinha.

Vychinski – E Bukharin tinha conhecimento?

Rykov – Não sei.

Vychinski – E as atividades de traição do espião polonês Benek, o senhor as conhecia?

Rykov – Sim, conhecia.

Vychinski – E Bukharin?

Rykov – Eu não sei.

Vychinski – Permita-me então, camarada Presidente, ler a página 127 do dossiê que contém uma pergunta feita a Rykov e sua resposta: “Pergunta: No que concerne às informações sobre a atividade de sua organização na Bielo-Rússia e a direção de tal atividade, o senhor fala, todo o tempo, quase que exclusivamente de si mesmo; mas qual era o papel dos outros membros do centro? Resposta: O que declarei aqui...” Então, o senhor fez declarações sobre Benek, Oulianov, sobre as instruções dos poloneses com vistas a debilitar a capacidade de defesa, sobre a nomeação aos postos de comando com o consentimento do serviço de espionagem polonês. Foi o que o senhor declarou?

Rykov – E algumas coisas mais.

Vychinski – Foi o que o senhor declarou?

Rykov – Sim.

Vychinski – “O que declarei aqui, os outros membros do centro, Bukharin e Tomski, sabiam também, vá lá que seja”. O senhor confirma, sim ou não?

Rykov – Isso sobre nossa atitude a respeito da Bielo-Rússia.

Vychinski – Não, o senhor não falou assim. Prossigo com a leitura... “O que declarei aqui”, e o senhor fez declarações sobre a instrução dada pelos poloneses com vistas a deteriorar as vias de comunicação importantes para a defesa. Está registrado na página 123 do dossiê, e na página 124 sobre o trabalho de espionagem de Benek, nas páginas 125 e 126 sobre o trabalho de espionagem de Oulianov e, por fim, na página 127, onde é dito: “Das informações de Tcherviakov, retive o essencial, quer dizer, que os órgãos de espionagem poloneses ajudaram ativamente os dirigentes de nossa organização na Bielo-Rússia a desagregar o movimento revolucionário na Bielo-Rússia ocidental”. Depois vem a pergunta: “O senhor fala de si mesmo, fale também de seus cúmplices que estavam a par dessa questão”. E a resposta: “Os outros membros do centro – Bukharin e Tomski – também estavam a par”.

Rykov – No final havia a expressão “Vá lá que seja”. Quer dizer, era uma suposição de minha parte, uma certeza que não era baseada em fatos patentes.

Vychinski – Eu lhe perguntei e o senhor respondeu que preferia falar daquilo que sabia.

Rykov – Mas aqui eu fiz uma reserva: “Vá lá que seja.”

Vychinski – Neste caso, eu continuo: “Bukharin e Tomski sabiam...” Aqui não estão as palavras “vá lá que seja”, o senhor simplesmente diz que Bukharin e Tomski sabiam, que Schmidt estava parcialmente informado. O senhor tinha em vista Vassili Schmidt, “mas eu me estendi mais sobre o meu papel porque, por decisão do centro, as ligações principais com a organização anti-soviética dos direitistas da Bielo-Rússia estavam concentradas nas minhas mãos”. Está claro?

Rykov – Para mim está claro.

Bukharin – Na instrução prévia nada disso me foi perguntado e o senhor, cidadão Procurador, durante três meses, tampouco me perguntou nada.

Vychinski – Eu lhe pergunto agora. É meu direito.

Bukharin – Mas na instrução prévia...

Vychinski – Eu lhe peço que não tente me ensinar como eu devo conduzir a instrução prévia, ainda mais que o senhor não entende nada disso. O senhor conhece bem melhor os assuntos pelos quais foi levado ao banco dos réus.

Bukharin – É possível.

Vychinski – A ligação com as organizações contra-revolucionárias foi, por sua decisão, confiada a Rykov?

Bukharin – Ela foi confiada a ele de forma geral.

Vychinski – E o senhor, sua posição era clandestina?

Bukharin – Não havia posição clandestina dentro da organização.

Vychinski – Para as relações com o grupo da Bielo-Rússia?

Bukharin – No geral, toda a atividade era clandestina.

Vychinski – Mas a sua era particularmente clandestina?

Bukharin – Aqui não se pode empregar o termo, ele não convém.

Vychinski – O senhor quer discutir sobre os termos?

Bukharin – Não, não quero discutir. Ao contrário, vou me calar.

Vychinski – Rogo que a Corte constate que tudo o que citei é absolutamente idêntico ao que está escrito no texto original do processo verbal assinado por Rykov e peço que seja apresentado a ele para que veja que a assinatura é realmente a sua.

Rykov – Eu não nego.

Vychinski – As palavras “vá lá que seja” se reportam à frase precedente, tanto que no que toca a Bukharin a expressão não se aplica. “Bukharin e Tomski sabiam, Schmidt sabia em parte”.

Presidente – Confirmo que a citação corresponde ao texto original do processo verbal, onde consta a assinatura de Rykov em cada página.

Rykov – Eu afirmo que as palavras “vá lá que seja” referem-se ao que foi citado.

Vychinski – As palavras não estão na frase citada.

Rykov – Em minha declaração: “Bukharin e Tomski sabiam, Schmidt sabia em parte”, as palavras “vá lá que seja” estão subentendidas. Meu estilo de falar não é perfeito. Se na primeira frase eu pronunciei as palavras “vá lá que seja”, e se a segunda não faz mais do que parafrasear a primeira, a expressão “vá lá que seja” está subentendida.

Vychinski – O senhor supõe que Bukharin conhecia as ligações de espionagem ou não?

Rykov – Ele devia conhecer, mas não tão detalhadamente como eu. Apenas, do que eu disse e do que sei, eu não posso afirmar quais são os detalhes e fatos sobre os quais conheço mais do que ele.

Vychinski – Se o senhor estava encarregado, por decisão do centro, de estabelecer ligações com o grupo da Bielo-Rússia, isso significa que o senhor conhecia todos os detalhes dessa ligação.

Rykov – Não.

Vychinski – Mas sobre as ligações que o senhor estabeleceu o senhor deve saber de tudo.

Rykov – Não.

Vychinski – No que concerne às ligações que o senhor estabeleceu o senhor deve saber de tudo o que fez.

Rykov – Devo saber de tudo o que eu mesmo fiz. Não compreendo o que o senhor quer...

Vychinski – Eu lhe pergunto: o que o senhor fez, o senhor sabe?

Rykov – O que eu fiz?

Vychinski – Exatamente.

Rykov – Ou seja, o que o senhor quer saber é se eu agi sempre de maneira consciente ou inconsciente? Sempre conscientemente.

Vychinski – E Bukharin, sabia de tudo?

Rykov – Eu não falava com Bukharin sobre os detalhes.

Vychinski – Eu não o interrogo quanto aos detalhes, mas quanto ao fundo. Conhecia Bukharin o essencial ou não?

Rykov – Bukharin estava informado sobre a existência da ligação e sabia sobre ela.

Vychinski – Era o que eu queria saber. Permitam-me considerar como fato estabelecido que Rykov e Bukharin estavam a par de relações de traição que compreendiam, também, espionagem. Rykov, está correto?

Rykov – Das quais decorria a espionagem.

Bukharin – Assim, resulta que eu sabia de qualquer coisa da qual decorria outra coisa.

Vychinski – Teorize sobre isso em seu tempo livre.

Rykov – Temo que não tenha mais tempo livre.

Vychinski – É a Corte quem decidirá. Não tenho mais perguntas.

Presidente – Acusado Bukharin, prossiga.

Bukharin – Em 1933-1934 a classe dos kulaks foi destruída, o movimento insurrecional não era mais uma possibilidade concreta, daí ter-se seguido um período onde a organização dos direitistas outra vez orientou-se para idéia central de um complô, de um golpe de Estado contra-revolucionário. Ao invés de uma “revolução de palácio”, no lugar de um golpe de Estado acompanhado de sublevação de massa, no lugar de uma orientação para uma sublevação popular, no lugar de trabalharmos nesse sentido, optou-se por um complô contra-revolucionário puro e simples, e a idéia de um golpe de Estado por meio de um complô armado tornou-se a idéia central.

As forças do complô eram as forças de Enoukidze mais Yagoda, sua organização no Kremlin e no Comissariado do Povo para Assuntos do Interior. Naquele momento Enoukidze conseguiu, se bem me lembro, recrutar o antigo comandante do Kremlin, Peterson, que, é bom lembrar, havia sido anteriormente comandante do trem de Trotski.

Em seguida, estava a organização militar dos conspiradores: Tukhatchevski, Korl e outros.

Vychinski – Em que ano foi isso?

Bukharin – Creio que era 1933-1934.

Vychinski – No mesmo período que o senhor mantinha com Khodjaev conversações entreguistas e de traição?

Bukharin – Com Khodjaev eu tive um só encontro, em 1936.

Vychinski – Em 1936. Sobre o que os senhores falaram durante esse encontro?

Bukharin – Qual encontro?

Vychinski – O que o senhor teve com Khodjaev.

Bukharin – Em 1936?

Vychinski – Sim.

Bukharin – Falando propriamente, ouvi atentamente as declarações de Khodjaev, ouvi atentamente o que ele disse perante a Corte e devo fazer uma série de correções a suas declarações.

Vychinski – Primeiro as que não demandam correções, em seguida o senhor poderá corrigi-lo.

Bukharin – As primeiras não existem.

Vychinski – O senhor disse a Khodjaev que já existia um acordo com a Alemanha fascista?

Bukharin – Não, eu não disse.

Vychinski (dirigindo-se à Corte) – Permitam-me interrogar o acusado Khodjaev.

Acusado Khodjaev, Bukharin disse-lhe isso?

Khodjaev – Sim, ele me disse.

Vychinski – Como, quando onde e sobre o quê, precisamente?

Khodjaev – No mês de agosto, quando Bukharin veio a Tachkent.

Vychinski – Exponha brevemente o que o senhor declarou à Corte.

Khodjaev – Eu declarei à instrução prévia e também aqui, na Corte. O encontro entre eu e Bukharin aconteceu na minha casa de campo de Tchimgan.

Bukharin – Isso também foi o que falei.

Khodjaev – Depois de ter passado em revista a situação internacional da URSS, a situação dos diversos países europeus – isso se encontra em detalhes nas minhas declarações à instrução prévia – e também depois de falar da situação interna da União Soviética, Bukharin disse que era preciso orientar nossa atividade de tal maneira que ela pudesse resultar na derrota da União.

Vychinski – Quer dizer que ele considerava isso como um processo natural?

Khodjaev – Segundo ele, a situação interna e externa levariam a isso. Ele dizia que nós, os direitistas, já havíamos selado um acordo com a Alemanha fascista e que esboçávamos um acordo com o Japão.

Vychinski – Acusado Bukharin, o senhor esteve com Khodjaev, em sua casa de campanha?

Bukharin – Estive.

Vychinski – Aconteceu uma reunião?

Bukharin – Aconteceu. Entretanto – tenho a cabeça bem firme no lugar – de maneira nenhuma aconteceu neste encontro aquilo que pretende Khodjaev. Nosso primeiro encontro...

Vychinski – Pouco importa que tenha sido ou não o primeiro. O senhor confirma que tal encontro aconteceu?

Bukharin – Não este, mas um outro, de caráter igualmente clandestino.

Vychinski – Eu não o interrogo sobre seus encontros em geral, mas sobre este.

Bukharin – Na Lógica, de Hegel, o termo “este” é considerado como o mais difícil...

Vychinski – Peço à Corte que explique ao acusado Bukharin que ele aqui não é um filósofo, mas um criminoso, e que é conveniente que ele não fale da filosofia hegeliana. Isso será melhor, sobretudo, para a filosofia hegeliana.

Bukharin – Um filósofo pode muito bem ser um criminoso.

Vychinski – Sim, quer dizer, aqueles que se imaginam filósofos e que, na realidade, não passam de espíões. A filosofia não tem nada o que fazer aqui. Eu o interrogo a respeito deste encontro, do qual falou aqui Khodjaev; o senhor o confirma ou nega?

Bukharin – Eu não compreendo a palavra “este”. Nós tivemos um encontro na casa de campo dele.

Vychinski – O que há de incompreensível aqui? Trata-se do encontro do qual Khodjaev relatou aqui o conteúdo. Está claro?

Bukharin – Se o senhor fala do conteúdo do encontro, ele foi um pouco diferente, mas o encontro, com efeito, ocorreu na casa de campo.

Vychinski – Em que foi diferente?

Bukharin – Era a primeira vez na minha vida que conversava com Khodjaev, e isso sobre assuntos políticos. É o que explica o caráter do encontro. Eu disse a ele que era preciso estar pronto para derrubar o poder soviético pela violência e que para tanto era necessário tirar partido dos movimentos de massa eventuais que pudessem irromper por lá. Em seguida...

Vychinski – E o acordo com a Alemanha fascista?

Bukharin – Eu não falei em acordo.

Vychinski – Acusado Khodjaev, Bukharin falou ao senhor sobre um acordo?

Khodjaev – Eu confirmo com certeza o que ele falou aqui, mas logo depois ele falou de um acordo selado com a Alemanha.

Vychinski – Ele falou sobre a Inglaterra?

Khodjaev – Sim, falou. Ele disse que um acordo se desenhava com a Inglaterra e que de sua parte, o centro dos direitistas tomaria todas as providências a fim de que tal acordo fosse concluído e que nós, o centro da organização nacionalista do Uzbequistão, deveríamos também fazer, de nossa parte, os esforços necessários neste sentido.

Vychinski – Notadamente?

Khodjaev – No sentido de estabelecer ligações com os residentes ingleses.

Vychinski – Por intermédio de quem?

Khodjaev – Eu e Bukharin tratamos da questão dos “intermediários”; entretanto não era uma instrução, mas uma simples troca de idéias.

Vychinski – Uma consulta?

Khodjaev – Sim.

Vychinski – Acusado Bukharin, o senhor confirma esta parte das declarações de Khodjaev?

Bukharin – Eu disse a Khodjaev que, com relação à política externa, era preciso tocar com todas as teclas do piano, inclusive a inglesa...

Vychinski – O senhor não falou de uma orientação para a Inglaterra, mas de tecla inglesa?

Bukharin – De tecla inglesa, se o senhor quiser.

Vychinski – O senhor poderia dizê-lo em termos mais simples?

Bukharin – Em política exterior, nossa política visava exclusivamente à neutralização e ao apoio do Japão e da Alemanha, o que não excluía a necessidade de utilizar as contradições internacionais...

Vychinski – A quem deveriam aliar-se?

Bukharin – Desculpe-me, mas sou eu quem está com a palavra, não o senhor.

Presidente – Acusado Bukharin, não esqueça de que não é o senhor quem decide aqui sobre perguntas e respostas.

Vychinski – Eu pergunto: na sua opinião, com quem deveriam aliar-se?

Bukharin – Eu disse a ele que era preciso aproveitar-se das contradições internacionais.

Vychinski – Acusado Bukharin, o senhor confirma as declarações de Khodjaev?

Bukharin – Eu disse que nós tínhamos negócios com diferentes Estados estrangeiros e que nós não devíamos manter negociações com um só grupo, mas estabelecer relações com vários grupos.

Vychinski – Então o senhor não disse a Khodjaev que era preciso aliar-se com certos Estados estrangeiros?

Bukharin – Veja bem, eu não empreguei a palavra “aliar-se”, porque ela leva a um equívoco e é por isso que eu precisei...

Vychinski – Então precise.

Bukharin – Eu disse a ele...

Vychinski – O senhor falou da Inglaterra?

Bukharin – Falei.

Vychinski – O senhor falou do Japão?

Bukharin – Falei.

Vychinski – O senhor falou da Alemanha?

Bukharin – Falei.

Vychinski – O senhor falou que era preciso servir-se de uns e outros no interesse de sua luta contra o poder soviético?

Bukharin – A questão não foi colocada assim, pois era a primeira vez que eu conversava com Khodjaev.

Vychinski – E nesta primeira vez o senhor falou em derrubada do poder soviético?

Bukharin – Sim, a razão é muito simples, o senhor está cansado de saber.

Presidente – Acusado Bukharin, não se esqueça de onde o senhor se encontra.

Bukharin – Durante este encontro nós nos valemos de termos velados e nenhuma palavra foi pronunciada...

Vychinski – Eu não estou perguntando sobre os termos, mas sobre o conteúdo do encontro.

Bukharin – Eu estou me explicando da mesma maneira que nas minhas declarações à instrução prévia.

Vychinski – Mas eu não falo de palavras. Serei obrigado a interromper o interrogatório, pois o senhor parece seguir uma certa tática e o senhor não quer dizer a verdade, esconde-se através de uma torrente de palavras, chicaneia, refugia-se no domínio da política, da filosofia, da teoria, etc., o que o senhor precisa parar, de uma vez por todas, uma vez que o senhor é acusado de espionagem e, aparentemente, segundo todas as evidências da instrução prévia, o senhor é agente dos serviços de espionagem. Por isso, pare de chicanear. Se o senhor tentar se defender desta maneira, interromperei o interrogatório.

Bukharin – Responderei às suas perguntas.

Vychinski – O senhor conversou com Khodjaev sobre a derrubada do poder soviético, que estava sendo preparada por seu grupo de conspiradores?

Bukharin – Conversei, valendo-me de fórmulas obscuras e vagas.

Vychinski – Entretanto formulações compreensíveis para o senhor?

Bukharin – Perfeitamente.

Vychinski (a Khodjaev) – O senhor as compreendeu?

Khodjaev – Perfeitamente.

Vychinski – Então não se trata de terminologia, mas de conteúdo. O senhor disse que, partindo das contradições internas e das contradições internacionais, era preciso, nas relações exteriores, aliar-se com diferentes Estados estrangeiros no interesse da luta de seu grupo de conspiradores contra o poder soviético?

Bukharin – Perfeitamente.

Vychinski – O senhor disse isso?

Bukharin – Disse.

Vychinski – Então Khodjaev tem razão quando diz que o senhor falou em estabelecer ligações com espiões ingleses?

Bukharin – Isso não aconteceu.

Vychinski (a Khodjaev) – Aconteceu ou não, Khodjaev?

Khodjaev – Aconteceu.

Bukharin – Isso é absurdo, pois não cabe aos espiões decidir sobre ajuda...

Khodjaev – Eu não disse espiões, disse residentes.

Vychinski – Assim não se tratavam simplesmente de espiões, mas de residentes.

Khodjaev – Nós decidimos com ele que era preferível agir, seja por intermédio de nossos homens tadjiques, seja enviando alguém ao Afeganistão.

Vychinski (dirigindo-se a Bukharin) – O senhor nega?

Bukharin – Nego. Ninguém me interrogou sobre isso.

Vychinski – Mas eu estou lhe perguntando.

Bukharin – Ao longo de minha estada de um ano na prisão, ninguém nunca me perguntou sobre isso.

Vychinski – Nós estamos lhe perguntando aqui, publicamente, diante do Tribunal Proletário, estamos perguntando diante da Corte e do mundo inteiro.

Bukharin – Mas antes não haviam me perguntado sobre isso.

Vychinski – Eu pergunto uma vez mais, baseando-me no depoimento prestado contra o senhor: o senhor deseja confessar diante do tribunal soviético qual serviço de espionagem o senhor recrutou, o serviço alemão, o japonês ou o inglês?

Bukharin – Nenhum.

Vychinski – No momento não tenho mais perguntas a fazer ao acusado Bukharin.

Presidente – A Sessão está suspensa por meia hora.

* * *

Oficial – A Corte! Levantem-se todos.

Presidente – Podem sentar-se

Acusado Bukharin, continue com suas declarações, mas seja mais objetivo.

Bukharin – Bom, eu me esforçarei.

Eu terminei minhas declarações dizendo que havia sido organizado um complô criminoso contra-revolucionário, envolvendo as forças de Enoukidze, de Yagoda, da organização do Kremlin, do Comissariado do Povo para Assuntos do Interior, da organização militar e as forças da guarnição de Moscou que se encontravam sob direção dos conjurados do grupo militar, o que não excluía, vá lá que seja, o emprego de outras forças de outros quadros trotskistas e zinovievistas. Ainda mais que, no seio do próprio grupo militar, que foi o organizador imediato das forças de vanguarda do golpe de Estado militar, um bloco havia sido constituído, há muito tempo, entre direitistas, trotskistas e zinovievistas. Se a memória não me falha, eles estavam reunidos neste grupo militar antes mesmo que o centro de contato fosse formado.

Perto do XVII Congresso do Partido surgiu a idéia, vinda de Tomski, de fazer coincidir o golpe de Estado com o Congresso, utilizando a força armada contra-revolucionária. Uma parte integrante do golpe de Estado seria, na idéia de Tomski, o crime monstruoso de prender os participantes do XVII Congresso do Partido.

A proposição de Tomski foi examinada, às pressas, é verdade. As objeções foram colocadas de todas as partes contra ela. Salvo erro, parece-me que ela foi examinada primeiro no centro dos direitistas, mas como a proposição foi recusada por ele, foi examinada também no chamado centro de contato.

Piatakov pronunciou-se contra a idéia, não por questões de princípio, mas táticas, pois isso provocaria uma excepcional indignação nas massas. Em resumo, a idéia foi descartada não por considerações de princípio, mas por considerações táticas. Mas o simples fato de que tal idéia tenha surgido e sido examinada testemunha com suficiente clareza o caráter monstruoso e criminoso desta organização.

Devo dizer que, em um período anterior, eu havia pessoalmente encarregado Semionov de organizar grupos terroristas, do que prestei contas ao nosso centro de direitistas. A ação foi aceita. Sou, portanto, responsável pela organização dos grupos terroristas de Semionov, mais do que qualquer outro membro do centro.

Devo me estender igualmente sobre a idéia que eu já tratei parcialmente e sobre os fatos que relatei: a coalizão com diferentes forças contra-revolucionárias, em particular e, sobretudo, com os socialistas-revolucionários e mencheviques. No que concerne à minha atividade prática e direta naquele momento, e não somente minha atividade como teórico, devo declarar que tentei, pessoalmente, estabelecer uma ligação deste tipo através de diversas pessoas. Encarreguei igualmente o socialista-revolucionário Semionov, que foi citado anteontem nos debates, de contatar os membros do comitê central clandestino dos socialistas-revolucionários que, salvo engano, estavam na ocasião deportados (o que não muda a coisa em nada). Por conseguinte, tenho responsabilidade direta não apenas como membro do centro dos direitistas, mas também no sentido direto e mais estrito da palavra.

Em segundo lugar, tentei entrar em contato com as organizações e grupos de socialistas-revolucionários no estrangeiro, por intermédio de um certo Tchlenov. É um funcionário de nosso serviço diplomático, que eu conhecia há muito tempo, desde o liceu, quando ele fazia parte da organização social-democrata. Falo isso não para fazer uma digressão na história, mas com o único propósito de explicar porque eu tinha tamanha confiança nele, apesar do caráter clandestino do trabalho. Ele tentou entrar em contato com o comitê central dos socialistas-revolucionários. Quando ele retornou, não teve tempo de falar-me do assunto detalhadamente. Mas da conversa que tivemos então concluí mais ou menos o seguinte: os socialistas-revolucionários aceitavam, em princípio, estabelecer contato e formar um bloco com os direitistas, os trotskistas os zinovievistas e demais grupos. Mas eles exigiam garantias formais, mesmo que não fossem por escrito. As condições que eles propunham consistiam em uma mudança da política agrária, no sentido de uma orientação kulak e, a seguir, a legalização dos partidos socialista-revolucionário e menchevique, do que decorria, é claro, que um governo de coalizão deveria ser constituído em caso de sucesso do complô.

Além disso, quando de minha última viagem ao estrangeiro, em 1936, depois de meu encontro com Rykov, estabeleci pessoalmente ligação com o menchevique Nikolaevski, íntimo dos dirigentes do partido menchevique. Soube no decorrer da conversa com ele que ele estava a par dos acordos fechados entre os direitistas, o pessoal de Zinoviev, de Kamenev e os trotskistas, que ele estava informado, no geral, de todos os fatos, inclusive da plataforma de Rioutine. A novidade concreta sobre a qual girou nosso encontro era que, no caso de queda do centro dos direitistas ou do centro de contato ou, em geral, da cabeça da organização do complô, Nikolaevski se entenderia com os líderes da II Internacional para que eles desenvolvessem uma campanha de imprensa com isso.

Afora eu, alguns outros dirigentes destacados da organização de direitistas e trotskistas (no caso só posso falar dos direitistas, não tendo informações sobre os outros) tinham também ligações criminosas com representantes de organizações contra-revolucionárias há muito constituídas. Rykov estava em contato com os mencheviques através de Nikolaevski. Omiti anteriormente que meu encontro com Nikolaevski me fora facilitado, havia sido encoberto pelo fato de que, pelo caráter de minha missão, eu deveria encontrá-lo. Em conseqüência, eu tinha um pretexto totalmente legal para travar com ele conversações contra-revolucionárias e fechar acordos. Smirnov, conhecido como Foma, tinha ligações muito importantes desde há muito tempo. Ele as havia estabelecido quando ainda estava no Comissariado do Povo para a Agricultura, onde se encontravam, como se sabe, militantes importantes do movimento socialista-revolucionário ou próximos aos socialistas revolucionários. Todos sabem que uma parte deles figurou já nos processos de sabotagem. Smirnov, de sua parte, estabeleceu ligações com os socialistas-revolucionários.

Assim, sem sombra de dúvida, e eu confesso integralmente, que além do bloco com os trotskistas, os zinovievistas, os kamenevistas e as organizações burguesas nacionais existia também uma ligação direta e efetiva com os socialistas-revolucionários e os mencheviques, da qual, na maior parte, eu sou diretamente culpado, logicamente na qualidade de dirigente do centro de direitistas. Tratava-se principalmente dos socialistas-revolucionários que ficaram aqui e trabalhavam clandestinamente e, secundariamente, de sua organização no estrangeiro, que se concentrava principalmente em torno de Mark Vichniak, ex-secretário da Assembléia Constituinte.

Depois da prisão de um grande número de trotskistas e de zinovievistas, que se seguiu ao assassinato de S. M. Kirov, depois disso...

Vychinski – O senhor quer passar a um outro período. Desejo interrogá-lo sobre os socialistas-revolucionários. Bessonov fez aqui uma declaração sobre sua viagem a Praga e de sua conversa com Serguei Maslov. Na reunião entre eles falou-se de Bukharin e Rykov, O senhor se lembra do que Bessonov disse aqui?

Bukharin – Parece-me que ele disse ter sido informado da atividade clandestina de Bukharin e Rykov.

Vychinski – Gostaria primeiramente de questionar Bessonov. Acusado Bessonov, Maslov disse ao senhor que estava a par da atividade clandestina de Bukharin?

Bessonov – Ele me disse que estava a par dos pontos de vista contra-revolucionários da oposição de direita e de sua atividade clandestina.

Vychinski – Acusado Bukharin, o senhor mantinha relação direta com Maslov?

Bukharin – Não.

Vychinski – O senhor sabia o que fazia Maslov em Praga, que ele era organizador de um partido kulak, contra-revolucionário, que ele vivia de subsídios fornecidos por serviços de espionagem estrangeiros e de recursos provenientes de seus jornais e revistas. Está certo isso, acusado Bessonov?

Bessonov – Perfeitamente.

Vychinski – Por quem ele estava informado?

Bessonov – Eu ignoro, mas presumo que era pelos membros do comitê central dos socialistas-revolucionários no exterior.

Vychinski – O senhor tinha ligações com o comitê central dos socialistas-revolucionários?

Bukharin – Com Rappoport, por intermédio de Tchlenov.

Vychinski – Era um socialista-revolucionário?

Bukharin – Este Rappoport era ligado a Mark Vichniak.

Vychinski – E ele, com quem?

Bukharin – Eu ignoro, só posso presumir. O senhor sabe que os emigrados habitualmente se ligam aos velhos conhecidos.

Vychinski – Assim que o senhor presume que Serguei Maslov tenha sido informado de sua atividade contra-revolucionária por membros do comitê central da organização de socialistas-revolucionários no estrangeiro, ou seja...

Bukharin – Por Rappoport ou Vichniak.

Vychinski – E, do lado de Rykov, por Nikolaevski?

Bukharin – Não, creio que não.

Vychinski – Acusado Rykov, por quem, segundo o senhor, Serguei Maslov havia sido informado?

Rykov – Não sei de nada e não posso supor nada sobre o assunto.

Vychinski – O senhor falou de sua atividade clandestina com os mencheviques com os quais estava ligado?

Rykov – Não.

Vychinski – Então como?

Rykov – Eles sabiam que eu desenvolvia uma ação contra o Comitê Central.

Vychinski – Como eles souberam?

Rykov – Por mim mesmo.

Vychinski – Ora, o senhor disse...

Rykov – Ouvi que se tratava de uma certa organização que desenvolvia um trabalho, mas qual trabalho...

Vychinski – Clandestino, anti-soviético. Eles sabiam?

Rykov – Sob esta forma sim, mas eles não conheciam coisas mais concretas.

Vychinski – Era desnecessário que soubessem de coisas mais concretas. Então podemos presumir que os círculos de emigrados que Nikolaevski freqüentava conheciam, por ele, a sua atividade ilegal?

Rykov – Não posso dizer nada sobre isso.

Vychinski – Não estamos em uma diligência, mas é preciso elucidar quais ligações o senhor tinha.

Rykov – Eu já falei de minhas ligações. O senhor quer saber se esta ligação foi passada a Maslov.

Vychinski – Correto.

Rykov – Foi.

Vychinski – O senhor informou a Nikolaevski de seu trabalho clandestino?

Rykov – Sim.

Vychinski – Podemos estabelecer então, acusado Bukharin, segundo as declarações de Bessonov, que está claro que Maslov tinha contato com os direitistas e que ele estava sabendo de suas atividades contra-revolucionárias. O senhor, como dirigente dessa organização contra-revolucionária, estava também, por conseguinte, na esfera desse contato. O senhor confirma?

Bukharin – Eu não estava na esfera deste contato. Eu estava na esfera do contato com os socialistas-revolucionários. Ignoro o que eles fizeram, mas sua questão me faz presumir qual direção a coisa tomou.

Vychinski – Os canais pelos quais seguiu?

Bukharin – Sim, os canais por onde deve ter andado.

Vychinski – Prossiga, acusado Bukharin.

Bukharin – Eu me detive sobre a composição do bloco de direitistas e trotskistas que, como isso resulta de todo o precedente, se chama centro de direitistas e trotskistas, mas na realidade existe um conteúdo mais vasto, não apenas do ponto de vista das seqüelas que sobrevieram ou de seu entorno, mas do ponto de vista de sua própria composição.

Vychinski – Falando das ligações de seu centro e de seu bloco, o senhor não falou de suas ligações com os serviços de espionagem estrangeiros e com os círculos fascistas.

Bukharin – Não tenho nada a declarar sobre isso.

Vychinski – Fora o que o senhor já declarou?

Bukharin – Sim, salvo o que já disse.

Vychinski – Prossiga.

Bukharin – Com a chegada ao poder dos fascistas na Alemanha, houve, na cúpula das organizações contra-revolucionárias, uma mudança de opinião sobre a possibilidade de utilizar Estados estrangeiros em razão da conjuntura de guerra. Devo dizer francamente, e digo à Corte apenas aquilo que me lembro com precisão, que nesta questão, de grande interesse para a Corte com vistas à aplicação das penas, passou-se o seguinte: os trotskistas colocaram, de chofre, a questão dos territórios a ceder, enquanto que no geral dos quadros dirigentes da organização contra-revolucionária estavam apenas em questão, em primeiro lugar, concessões, tratados comerciais, de tarifas, de preços, de entrega de matérias primas, de combustíveis, etc., em uma palavra, de concessões de ordem econômica. Declarei à Corte, desde o começo de meu depoimento, que sendo um dos dirigentes do bloco contra-revolucionário, e não um simples auxiliar, eu assumia decididamente a responsabilidade de tudo o que a organização havia feito. Mas, quando se trata de coisas relativamente concretas, me parece que possamos especificar que o elemento dirigente do bloco, seu elemento politicamente mais ativo sob o ponto de vista da acuidade da luta, com relação às ligações criminosas mais profundas, etc., era, no entanto, a sua parte trotskista. Se digo isso, repito, de maneira nenhuma é para defender a parte direitista do bloco, por que no caso não faz diferença nenhuma, do ponto de vista da criminologia, quem disse “a” primeiro, quem repetiu o “a”, quem o descobriu e quem o denunciou. Mas, do ponto de vista do mecanismo interno do episódio, e a fim de elucidar o papel pessoal de Trotski que, infelizmente está atualmente fora de alcance, parece-me que esta questão tem uma certa importância, e por isso permito-me sublinhá-la aqui.

No verão de 1934, Radek me disse que as instruções vinham de Trotski, que Trotski estava em conversações com os alemães e que ele já lhes havia prometido certas concessões territoriais, entre outras a Ucrânia. Se me lembro bem, falou também de concessões territoriais ao Japão. No geral, a atitude de Trotski nestas conversações não era apenas a de um conspirador que espera tomar um dia o poder por meio de um golpe de Estado armado, mas de um homem que se sentia já senhor do país soviético, que ele desejava, de soviético, transformar em não soviético.

É preciso dizer que, naquela época, fiz objeções a Radek. Ele confirmou em suas declarações e também quando de nossa confrontação; ele confirmou que eu fazia objeções, que eu havia considerado como indispensável que ele, Radek, escrevesse a Trotski, para dizer-lhe que ele fora longe demais em suas conversações e arriscava comprometer não apenas a ele mesmo, mas comprometer todos os seus aliados e mais particularmente a nós, conspiradores de direita, o que tornava nossa derrota inevitável. Eu estimava que, dado o patriotismo das massas, que era absolutamente incontestável, tal atitude de Trotski, no interesse de nosso complô, não era racional do ponto de vista político e tático. Eu era da opinião que, no caso, era preciso agir com muito mais circunspeção.

Vychinski – Quem disse isso?

Bukharin – Fui eu quem disse. Eu achava que era realmente inútil empenhar-se no avanço de tais conversações.

Vychinski – Para não sofrer um revés?

Bukharin – Não apenas por isso, havia outras considerações...

Vychinski – Como o senhor acabou de dizer, sublinhara então que aquilo podia ir longe demais... O senhor temia um revés?

Bukharin – Por revés não a prisão, mas a queda de todo o nosso projeto.

Vychinski – Eu também entendo assim. Foi por prudência, para não fazer malograr o complô que o senhor sustentou tal ponto de vista?

Bukharin – É preciso recuar um pouco na história...

Vychinski – Recue o quanto desejar... Em que ano estávamos?

Bukharin – Minha conversa com Radek teve lugar no verão de 1934.

Vychinski – E sua conversa com Karakhan, foi mais tarde?

Bukharin – Ela aconteceu depois do retorno dele a Moscou, em 1935.

Vychinski – E a conversa com Karakhan fora precedida de uma outra com Enoukidze, ou a conversa com Enoukidze sobre o assunto aconteceu depois?

Bukharin – A primeira conversa foi com Tomski.

Vychinski – Assim o ponto de partida foi a conversa com Tomski?

Bukharin – Tivemos três conversas na época.

Vychinski – Falaremos delas mais tarde. Continue.

Bukharin – Devo deter-me ao aspecto interior da questão, às conversas que tivemos, ou isso não lhe interessa?

Vychinski – Depende do assunto das conversas.

Bukharin – Não falávamos do tempo que fazia, evidentemente.

Vychinski – Fale-nos de seus crimes.

Bukharin – Tomski considerava possível tirar partido da guerra e de chegar a um acordo logo com a Alemanha. Eu invoquei, então, contra isso os seguintes argumentos: primeiramente, tratando-se de uma intervenção da Alemanha, da maneira que fosse, no curso da guerra, para apoiar o golpe de Estado contra-revolucionário, aconteceria o que sempre acontece nestes casos: dado que ela representaria um fator técnico e militar assaz importante, inevitavelmente os alemães arrombariam as portas e rasgariam qualquer

acordo previamente estabelecido. Em segundo lugar, tratando-se de um golpe de Estado militar, o papel do grupo militar dos conspiradores seria, segundo a lógica mesmo da coisa, particularmente importante. E, como sempre acontece em tais circunstâncias, seria esta parte do comando das forças contra-revolucionárias que disporiam então de forças materiais e, portanto, de forças políticas consideráveis, o que poderia criar uma espécie de perigo bonapartista. Quanto aos bonapartistas – eu tinha em vista sobretudo Tukhatchevski – seu primeiro cuidado seria liquidar, a exemplo de Napoleão, seus aliados, aqueles que, por assim dizer, os tinham inspirado. Em nossas conversas eu sempre chamava Tukhatchevski de “Napoleão virtual”. Ora, sabemos o que Napoleão fazia com o que chamamos de “ideólogos”.

Vychinski – E o senhor se considera como um ideólogo?

Bukharin – Entre outras coisas, como ideólogo do golpe de Estado contra-revolucionário e como um homem que tentou praticá-lo. Evidentemente que o senhor teria preferido que eu dissesse que me considerava como um espião, mas eu não me considerava e nem me considero, em absoluto, como tal.

Vychinski – E, no entanto, seria mais exato.

Bukharin – É a sua visão, não a minha.

Vychinski – Veremos qual será a visão da Corte. Diga, durante esta conversa “ideológica” ou em alguma outra vez, Tomski falou-lhe das duas formas de tomada do poder?

Bukharin – Um pouco mais adiante eu falarei em detalhes.

Vychinski – Posso esperar.

Bukharin – Bem. Gostaria de dizer que depois destas conversas preliminares, em 1935, não sei quais outros fatores influenciaram a decisão do centro dos direitistas e do centro de contato; não sei se Tomski foi pressionado por Enoukidze, ou pelos círculos militares ou ainda por Enoukidze, pelos trotskistas e pelos zinovievistas ao mesmo tempo. O certo é que Karakhan partiu sem ter uma conversa prévia com os membros do centro dirigente, à exceção de Tomski.

Quero agora expor à Corte o que me lembro sobre os três encontros que aconteceram depois da chegada de Karakhan. O primeiro foi com Tomski, o segundo com Enoukidze e o terceiro com Karakhan, que precisou alguns pontos e introduziu na conversa um elemento novo. Lembro-me que Tomski dizia que Karakhan havia conseguido concluir um acordo com a Alemanha mais vantajoso do que o de Trotski.

Vychinski – Fale-nos antes de Tomski. O que me interessa é sua conversa com Tomski, sobre a base de seu plano de execução do golpe de Estado, da tomada do poder, como os senhores diziam. Quando os senhores tiveram a reunião na qual projetaram a abertura da frente aos alemães?

Bukharin – Chegarei lá.

Vychinski – O senhor não pode nos dizer como o senhor e Tomski prepararam-se, no caso de guerra, para abrir a frente aos alemães?

Bukharin – Falarei disso daqui a pouco...

Vychinski – O senhor não quer falar do que interessa, no momento, à instrução?

Bukharin – Eu falarei sobre esta frente.

Vychinski – Peço-lhe pela terceira vez, quando os senhores tiveram a conversa na qual projetaram abrir a frente aos alemães?

Bukharin – Quando perguntei a Tomski como ele via o mecanismo do golpe de Estado, ele me respondeu que estava a cargo da organização militar, que deveria abrir a frente.

Vychinski – E então Tomski se preparava para abrir a frente?

Bukharin – Ele não disse isso.

Vychinski – Sim ou não?

Bukharin – Eu disse como era concebido o mecanismo de intervenção.

Vychinski – Intervenção de quem?

Bukharin – De certos Estados estrangeiros.

Vychinski – Ele disse como se concebia?

Bukharin – Tomski disse.

Vychinski – Tomski disse: abrir a frente?

Bukharin – Eu lhe direi exatamente.

Vychinski – O que ele disse?

Bukharin – Tomski disse que isso tocava à organização militar, que deveria abrir a frente.

Vychinski – Por que eles deveriam abrir a frente?

Bukharin – Ele não disse.

Vychinski – Por que eles deveriam abrir a frente?

Bukharin – Do meu ponto de vista eles não deviam abrir a frente.

Vychinski – Do ponto de vista de sua organização?

Bukharin – Do ponto de vista de minha organização.

Vychinski – E do ponto de vista de Tomski, eles deveriam ou não abrir a frente?

Bukharin – Do ponto de vista de Tomski? Em todo o caso, ele não apresentou objeções contra o ponto de vista.

Vychinski – Ele estava de acordo?

Bukharin – Se ele não colocou objeções é porque, provavelmente, ele concordava em 75%.

Vychinski – E ele sempre reservava 25%, para qualquer problema?

Bukharin – Eu quero apenas sublinhar isso.

Vychinski – Eu o estou interrogando. Responda à pergunta.

Bukharin – Cidadão procurador, o senhor disse que cada palavra tinha muita importância para a Corte.

Vychinski – Permitam-me citar as declarações de Bukharin, tomo 5, páginas 95-96: “Tomski me disse que duas variantes haviam sido examinadas: o caso em que o novo governo seria organizado em tempos de paz” – e então os conspiradores organizariam um novo governo em tempos de paz, e – “o caso onde ele seria organizado em tempos de guerra, e neste último caso os alemães exigiam grandes concessões econômicas”, concessões das quais já falei, “e insistiam nas concessões territoriais”. Diga-nos, é exato ou não?

Bukharin – Sim, tudo isso está correto.

Vychinski (continuando a leitura) – “Perguntei a Tomski qual era a idéia, em tais condições, do mecanismo do golpe de Estado. Ele me disse que isso tocava à organização militar que deveria abrir a frente aos alemães”.

Bukharin – Sim, está correto.

Vychinski – Tomski estava de acordo ou não?

Bukharin – Ele disse “dever”, mas o sentido da palavra é müssen e não sollen².

Vychinski – Deixe de lado sua filologia. “Dever” quer dizer “dever”.

Bukharin – Isso quer dizer que, nos meios militares havia a idéia de que, neste caso, os meios militares...

Vychinski – Não, não se trata de idéias, mas eles deveriam. O que quer dizer...

Bukharin – Não, não quer dizer.

Vychinski – Isso quer dizer que eles não deviam abrir a frente?

Bukharin – Do ponto de vista de quem? Tomski falava do que lhe haviam dito os militares, do que lhe havia dito Enoukidze.

Vychinski – E o que o senhor declarou?

Bukharin – Eu sei bem quais declarações fiz.

Vychinski – “Tomski disse que a realização do golpe de Estado concernia à organização militar, que devia abrir a frente aos alemães.” A questão está clara?

Bukharin – Eu disse, eu havia perguntado a Tomski: “E qual a idéia sobre o mecanismo desta intervenção?” Ele me respondeu: “Isso concerne à organização militar, que deve abrir a frente aos alemães.” Eu respondi a isso dizendo que...

Vychinski – Não avancemos mais no momento. Devia-se abrir a frente. Quer dizer que tinha-se a intenção de abrir a frente aos alemães?

Bukharin – Sim.

Vychinski – Por quais meios?

Bukharin – Pelos meios da organização militar.

Vychinski – Tomski estava de acordo?

Bukharin – Ele não disse explicitamente.

Vychinski – Ele concordava em 75%?

Bukharin – Eu lhe disse que, destas palavras, decorria que, provavelmente, ele concordava.

Vychinski – E quando ele disse isso, o senhor colocou objeções?

Bukharin – Sim, eu fiz objeções.

Vychinski – E por que o senhor não escreveu “eu fiz objeções”.

Bukharin – Está escrito mais embaixo.

Vychinski – Não, mais embaixo está escrita outra coisa, totalmente diversa.

Bukharin – Isso quer dizer que eu fiz objeções.

Vychinski – Está escrito: “A isso eu respondi que, neste caso...” Em que caso?

Bukharin – No caso de abertura da frente.

Vychinski – Exato. “Neste caso seria oportuno julgar os responsáveis pela derrota na própria frente de batalha. Isso nos permitiria arrastar conosco as massas, jogando com palavras de ordem patrióticas”.

Bukharin – Permita-me, vou explicar isso, caso o senhor queira.

Vychinski – Um instante. Vamos desatar isso ponto por ponto. Sua oposição está lá?

Bukharin – Sim.

Vychinski – O senhor disse-lhe, formalmente: “Não devemos abrir a frente?”

Bukharin – Exatamente.

Vychinski – Mas onde está escrito?

Bukharin – Não está escrito, mas foi assim.

Vychinski – E o que quer dizer jogar com palavras de ordem patrióticas?

Bukharin – Jogar, aqui, não está no sentido ruim da palavra.

Vychinski – “Devia” toma outro sentido, assim como “jogar”.

Bukharin – “Dever” tem duas acepções na língua russa.

Vychinski – Mas queremos encontrar só uma aqui.

Bukharin – É o senhor quem quer, mas eu tenho o direito de não estar de acordo. Sabe-se que, em alemão *sollen* e *müssen* têm duas significações...

Vychinski – O senhor tem o hábito de conversar em alemão, mas nós falamos a língua soviética.

Bukharin – Em si mesma, a língua alemã não é odiosa.

Vychinski – O senhor continua falando alemão, o senhor habituou-se a travar conversações com os alemães na língua deles, mas aqui falamos russo. Quando Tomski disse que era preciso abrir a frente aos alemães, o senhor deveria ter dito se tinha objeções: “Eu fiz objeções, eu disse que não consentia com tal ato de felonía, com tal ato de traição.” O senhor disse isso?

Bukharin – Não, eu não disse. Mas se digo aqui que é preciso fazer...

Vychinski – Jogar com as palavras de ordem patrióticas, quer dizer, sair de cena, fazer crer que outros traíram, mas que nós, nós somos os patriotas...

Bukharin – Não foi assim, em absoluto, porque em outras partes de minhas declarações, inclusive em minha confrontação com Radek e durante todas as conversas com Radek, eu o contradisse, disse que Tomski não compreendia...

Vychinski – Acusado Bukharin, o fato de que o senhor tenha adotado, no caso, o procedimento jesuítico, o procedimento da perfídia, é igualmente atestado pelo que vem a seguir. Permita-me ler a seqüência: “Eu tinha em vista que assim, ou seja, através da condenação dos responsáveis pela derrota, poderíamos nos livrar, por extensão, do perigo bonapartista que me inspirava inquietudes”.

Bukharin – Sim, está correto.

Vychinski – Estão aí suas “objeções” à abertura da frente?

Bukharin – Uma tarefa não atrapalhava a outra em nada.

Vychinski – Uma tarefa era a abertura da frente...

Bukharin – Não, não a abertura da frente.

Vychinski – Fazer julgar os responsáveis pela derrota, jogar com palavras de ordem patrióticas e tirar o corpo fora.

Bukharin – A orientação era outra completamente diferente.

Vychinski – Está correta esta conversa que o senhor teve com Tomski... Está registrada corretamente aqui?

Bukharin – Correta, sem dúvida, mas o senhor não leu tudo.

Vychinski – Eu li três linhas. Elas estão corretamente registradas?

Bukharin – Estas três linhas estão corretamente transcritas.

Vychinski – E o senhor conversou com Enoukidze sobre o assunto?

Bukharin – Conversei.

Vychinski – E com Karakhan?

Bukharin – Igualmente.

Vychinski – E o que eles disseram sobre o assunto?

Bukharin – Enoukidze...

Vychinski – Ele confirmou, no geral?

Bukharin – Ele confirmou, no geral. Karakhan e Enoukidze haviam, ambos, informado Tomski.

Vychinski – Quer dizer?

Bukharin – Eles tinham confirmado, primeiramente, que Karakhan tinha concluído com os alemães um acordo baseado em concessões econômicas e concessões de território. Sobre isso ele não tinha dado uma resposta alegando que a questão deveria ser melhor examinada. Havia também a questão da separação das repúblicas federadas. Em terceiro lugar, a questão dos tratados.

Vychinski – Em terceiro lugar a questão da abertura da frente?

Bukharin – Em terceiro lugar a questão dos tratados de assistência mútua entre a URSS, a Tchecoslováquia e a França.

Vychinski – Os senhores tinham já um acordo fechado com eles?

Bukharin – Relato o que Tomski disse sobre o que Karakhan lhe havia comunicado. Ele havia dito isso. Os alemães exigiam a ruptura de tais acordos.

Vychinski – Os tratados de quem? Com quem?

Bukharin – Pelo novo governo.

Vychinski – Os senhores já se imaginavam como um governo?

Bukharin – Não éramos nós que pensávamos, era Karakhan quem dizia, para o caso...

Vychinski – Isso foi aprovado?

Bukharin – Não houve objeções a respeito, o que quer dizer que foi aprovado.

Vychinski – Por conseguinte, os senhores pensavam em agir como governo?

Bukharin – O sentido do acordo...

Vychinski – E então, os senhores romperam a aliança com a Tchecoslováquia?

Bukharin – O senhor não deixou que eu terminasse. Karakhan respondeu afirmativamente à questão. Nós contávamos poder enganar aos alemães e não cumprir as exigências.

Vychinski – Quer dizer que tudo estava baseado na enganação entre vocês, neste negócio, e os alemães, por sua vez, esperavam poder enganá-los?

Bukharin – É sempre assim.

Vychinski – Eles queriam servir-se dos senhores para em seguida jogá-los no lixo?

Bukharin – Exatamente.

Vychinski – No final vocês perderam, e eles também.

Bukharin – Foi assim, felizmente.

Vychinski – Felizmente para nós foi assim. E o senhor conversou com Karakhan sobre a abertura da frente?

Bukharin – Karakhan tinha dito que os alemães exigiam a aliança militar com a Alemanha.

Vychinski – Mas fecha-se a porta diante de um aliado?

Bukharin – Karakhan respondeu-me tal pergunta.

Vychinski – Fecha-se a porta diante de um aliado?

Bukharin – Não.

Vychinski – Em consequência, deviam-se abrir as portas?

Bukharin – Desculpe-me, mas não havia ainda nenhum tipo de aliança.

Vychinski – Mas havia, entretanto, uma hipótese, um projeto.

Bukharin – Atualmente a União Soviética é aliada da França. Isso não quer dizer que as fronteiras soviéticas estejam abertas.

Vychinski – E o que havia, então, entre os senhores?

Bukharin – Não havia nada, apenas projetos, expressos verbalmente.

Vychinski – O senhor não que reconhecer que teve a iniciativa na idéia de abrir a frente no caso de uma agressão alemã.

Bukharin – Não. E se Rykov afirma isso é porque hoje está perfeitamente claro...

Vychinski – Rykov confirma que Bukharin teve a iniciativa. É isso, acusado Rykov?

Rykov – Foi de Bukharin que ouvi falar pela primeira vez em abertura da frente.

Bukharin – Está correto. Mas não quer dizer que eu tenha tido a iniciativa. Foi depois da conversa com Tomski.

Vychinski (dirigindo-se a Rykov) – Bukharin levantou objeções contra a idéia?

Rykov – Não em minha presença.

Vychinski – Sente-se. (dirigindo-se a Bukharin) Continue sua exposição. Estimo que a questão do projeto de abrir a frente está esclarecida. Não tenho mais perguntas.

Bukharin – Esqueci de dizer e sublinhar uma coisa. Quando Trotski mantinha conversações com os alemães, os direitistas eram já um elemento constitutivo do bloco de direitistas e trotskistas e, em consequência, participavam também das conversas, mesmo quando Trotski as fazia por iniciativa própria, independente de qualquer entendimento prévio.

Creio ter dito tudo, no essencial.

Presidente – Camarada Procurador, o acusado Bukharin terminou suas declarações.

Vychinski – Não tenho mais perguntas.

Presidente – Camarada Procurador, é preciso resolver agora a questão da citação de testemunhas. Ou talvez possamos passar agora ao interrogatório de Bukharin sobre os acontecimentos de 1918?

Vychinski – Eu já interroguei.

Presidente – Temos que saber a que hora devemos fazer entrar as testemunhas: imediatamente ou depois da suspensão da audiência.

Vychinski – Se as testemunhas estão aí peço que elas sejam chamadas.

Presidente – Iakovleva é a primeira testemunha citada?

Vychinski – Sim.

Presidente – Chamem a testemunha.

Vychinski – Enquanto esperamos a chegada da testemunha, permitam-me fazer uma pergunta a Bukharin, ligada a suas declarações à instrução prévia, página 94, tomo 5. Posso proceder à leitura?

Presidente – Por favor.

Vychinski – “Nós víamos claramente o formidável desenvolvimento do patriotismo soviético, o qual estava ligado ao crescimento praticamente tangível da potência, da força e da fartura das grandes massas, à popularidade excepcional da palavra de ordem stalinista que dizia que não cederíamos nem um punhado de terra soviética, o que era, a nossos olhos, um índice perfeitamente evidente deste patriotismo crescente”. O senhor confirma?

Bukharin – Sim, confirmo.

Vychinski – “Erguer-se contra esta palavra de ordem seria, apesar dos cálculos políticos mais sutis, isolar-se sobremaneira das massas, inteiramente e para sempre, tornar nossa posição absurda logo de saída, condenar irremediavelmente nossos planos”. O senhor confirma?

Bukharin – Confirmo inteiramente.

Vychinski – Não tenho mais questões.

O Presidente (assinado)

V. V. Ulrich

Presidente do Colégio Militar da Corte Suprema da URSS

Jurista Militar do Exército

O Escrivão (assinado)

A. A. Batner

Jurista Militar de 1º Grau

(Notas)

1 A missão de Bukharin era negociar a compra dos manuscritos de Marx dos Social-Democratas alemães no exílio para o Instituto Marx-Engels-Lenin, da URSS. Partiu de Moscou em fevereiro de 1936, passando por Viena, Copenhague, Amsterdã e Paris. Voltou a Moscou no final de abril, passando antes pela Alemanha. A compra não foi concluída na ocasião.

2 Em alemão no original. Os dois verbos poderiam ser traduzidos, em português, por “dever”, mas isso não revelaria a sutileza que Bukharin quer destacar. O primeiro verbo designa mais necessidade, o segundo, obrigação. O mandamento bíblico “Não matarás”, por exemplo, em alemão é escrito “Du sollst nicht töten!” (verbo sollen) e não “Du musst nicht töten!” (verbo müssen), que significaria algo como “não precisarás matar”.